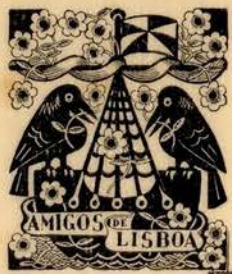


# OLISIPO

**BOLETIM DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»**



**ANO V**

**N.º 17**

**JANEIRO - 1942**

# Companhia do Papel do Prado

CAPITAL ACCÇÕES — 7.000.000\$00 — SEDE EM LISBOA

Especialidade em papeis para escrever, correspondência e livros comerciais. Impressão, manilhas, etc. Papeis de côres para capas e para embrulho **Kraft** e ordinários. Papeis affixes em côr e riscados. Cartolinas. Cartões finos. Cartão-palha. Almagos. Leornes, etc.

Proprietária das Fábricas do PRADO, MARIANAIA,  
SOBREIRINHO (TOMAR), PENEDO, CASAL  
D'ERMIO, (LOUZÃ) E VALE MAIOR  
(ALBERGARIA-A-VELHA)

*Instalação para uma produção anual de*

**oito milhões de quilos**

*de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados  
para a Indústria*



**ESCRITÓRIOS E DEPÓSITOS:**

**Rua dos Fanqueiros, 270 a 278**

*Lisboa*

**Rua Passos Manuel, 49 a 51**

*Porto*

Endereços Telegráficos: { **LISBOA:** PAPELPRADO - LISBOA  
**PORTO:** PAPELPRADO - PORTO

**Telefones** — LISBOA: Direcção **2 3623** — Escritório **2 2331**

Armazém **2 2332** — Estado **188** — PORTO: **117**

**Correio:** Apartado Caixa n.º **19**

OLISIPO é impresso em papel da « Companhia do Papel do Prado »



Oferta  
-5. JAN. 2006

JANEIRO DE 1942

N.º 17

# OLISIPPO

BOLETIM DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

DIRECTOR: GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA, VICE-PRESIDENTE DA Direcção

EDITOR: FRANCISCO VALENÇA

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

SEDE: RUA GARRETT, 62, 2.º — TELEFONE 2 5711

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA LIBANIO DA SILVA — TRAVESSA DO FALA-SÓ, 24 — LISBOA

## SUMÁRIO

- GAZETAS, GAZETEIROS E GAZETÓGRAFOS  
PELO *Dr. Alfredo da Cunha*
- A 1.ª «RUA DA IMPRENSA» QUE HOUE EM LISBOA  
POR *Luíz Pastor de Macedo*
- A VISITA AO INSTITUTO PORTUGUÊS DE ONCOLOGIA  
POR *Alvaro Pereira de Lacerda*
- AGUARELAS DE LISBOA  
POR *José Dias Sanches*
- VELHAS CASAS DE LISBOA  
PELO *Dr. Frederico Gavazço Perry Vidal*
- OS PETISCOS DE LISBOA E O CARNAVAL  
POR *Eduardo Fernandes (Esculápio)*
- LISBOA VISTA PELOS ESTRANJEIROS — Lisboa em 1700  
TRADUÇÃO DE *Cardoso Martha*
- ACCÃO CULTURAL



*Todos os artigos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores*

ÊSTE BOLETIM É ENVIADO GRATUITAMENTE A TODOS OS SÓCIOS

# BOLETIM DO GRUPO FAMILIAR DE LISBOA

Publicado pelo Conselho de Administração do Grupo Familiar de Lisboa  
Lisboa, 1910

Publicado pelo Conselho de Administração do Grupo Familiar de Lisboa  
Lisboa, 1910

## Sumario

- 1. O GRUPO FAMILIAR DE LISBOA
- 2. O GRUPO FAMILIAR DE LISBOA
- 3. O GRUPO FAMILIAR DE LISBOA
- 4. O GRUPO FAMILIAR DE LISBOA
- 5. O GRUPO FAMILIAR DE LISBOA
- 6. O GRUPO FAMILIAR DE LISBOA
- 7. O GRUPO FAMILIAR DE LISBOA
- 8. O GRUPO FAMILIAR DE LISBOA
- 9. O GRUPO FAMILIAR DE LISBOA
- 10. O GRUPO FAMILIAR DE LISBOA



Este boletim é enviado gratuitamente a todos os socios



# Gazetas, gazeteiros e gazetógrafos olisiponenses

Pelo Dr. ALFREDO DA CUNHA

NA sessão, por assim dizer, inaugural das comemorações do tricentenário do primeiro periódico português, efectuada em 29 de Novembro último, no salão nobre da Câmara Municipal de Lisboa, assinaei que na capital nasceram e viveram as primeiras *Gazetas* nacionais: a de 1641, cognominada «da Restauração», a *Gazeta de Lisboa* (1715) e a *Gazeta de Lisboa Ocidental* (1718). E aí tive ensejo de dizer que esta cidade não podia alhear-se da celebração então iniciada, nem os seus representantes podiam dissociar-se de quem a promoveu.

Foi lisboeta a fôlha considerada o tronco do periodismo nacional, e lisboeta se conservou até acabar. Não se sabe onde se instalou, e a sua sede tem escapado às pesquisas dos olisipógrafos mais conspícuos. Mas que da cidade não safu nunca, demonstram-no as indicações, em cada número, da oficina donde vinha a público.

Duvida-se de que tivesse sido em Lisboa que se estabeleceu o primeiro impressor, mas não resta dúvida de que foi nela que se fundou a mais antiga fôlha jornalística portuguesa.

Durante largos anos só em Lisboa se publicaram jornais portugueses. Decorreu mais de um século até que no Porto aparecessem os primeiros ali impressos, como só, muitos decênios depois destes, se imprimiram em Coimbra, a-pesar-de ser então o centro intelectual e científico



#### 4 OLISIPO — Boletim do Grupo «Amigos de Lisboa»

por excelência. E no século XVIII, segundo as resenhas mais completas, nada menos de 40, das 44 fôlhas publicadas no país, saíram das oficinas lisboetas.

A capital não foi, pois, apenas o berço do periodismo nacional, foi também o seu foco mais intenso, e, durante mais de um século, a única sede da sua actividade e funcionamento. E ainda actualmente creio que nela saem a lume não menos da quarta parte de todos os periódicos do continente e ilhas.

Ora, se as *Gazetas* foram nadas e citadas na capital, também aqui nasceram os redactores que se atribuíram, aliás sem completa certeza, à de 1641 — Manuel de Galhegos e João Franco Barreto — e o que, sem dúvida, redigiu as outras duas — José Freire de Monterroyo Mascarenhas. Como lisboeta foi igualmente Pedro António Correia Garção, o notável e infeliz poeta redactor do periódico *Lisboa*, de 1760 a 1762.

Da mesma forma que as primeiras *Gazetas* e os primeiros presumíveis gazeteiros (como se chamava, sem intenção depreciativa, aos que as compunham), os gazetógrafos — perdoe-se-me o neologismo, atendendo a que José Agostinho de Macedo inventou o adjectivo *gazetal* e Filinto Ellsio o *gazetifico*, e nem por isso, que me conste, os excomungaram os zeladores da língua — os gazetógrafos, repito, de maior mérito e renome — Inocêncio Francisco da Silva, Brito Aranha e A. X. da Silva Pereira — foram todos três lisboetas de nascença.

*Olisipo*, arquivando estas notas, creio que o fará com certo envaidecimento.

Inocêncio nasceu em 28 de Setembro de 1810, e já em 2 de Dezembro de 1849 escrevia uma pequena *Memoria sôbre as gazetas de Lisboa*, cujo manuscrito devo à obsequiosidade do meu amigo e illustrado bibliógrafo sr. Álvaro Neves. Dez anos depois, saía a lume o Tomo 3.º do seu *Dicionário Bibliográfico Português*, no qual, de pág. 137 a 141, se ocupa com as primeiras *Gazetas*. E mais tarde, em Outubro de 1863, nas *Cartas Bibliográficas* insertas na *Gazeta de Portugal*, e no 2.º *Suplemento* ao *Dicionário* citado, em 1870, voltou ao assunto.

Brito Aranha, nascido em Lisboa, em 28 de Junho de 1833, deixou não poucos trabalhos sôbre o jornalismo português continental e extra-continental.





Augusto Parier  
da Silva Pereira  
auctor do Diccionario  
de Journalismo  
Portuguez e journalista

Silva Pereira foi, porém, dos três, o que confinou o seu constante e fatigante labor de vinte anos na bibliografia periodística, tratando portanto das *Gazetas*, quer nas Resenhas cronológica e alfabética publicadas respectivamente em 1895 e em 1897, quer, mais desenvolvidamente, no *Dicionário Jornalístico Português* existente em manuscrito na Academia das Ciências. Dêste me servi no trabalho que a Classe de Letras da mesma Academia resolveu que se incluísse nas suas *Memórias*, e de que se tiraram separatas com o título *Elementos para a história da imprensa periódica portuguesa*, obra comemorativa do tricentenário da *Gazeta* de Novembro de 1641.

Os informes biográficos, assim como os retratos de Inocêncio e Brito Aranha, andam tão divulgados, que não os reproduzirei aqui. O mesmo não sucede com os respeitantes a Silva Pereira, e por isso traslado do *Dicionário Bibliográfico* as seguintes notas: «Nasceu em Lisboa, a 18 de Maio de 1838. Por portaria de 7 de Outubro de 1859 foi nomeado amanuense da Repartição de Estatística do antigo Ministério das Obras Públicas, sendo promovido — por concurso em que foi o primeiro classificado — a segundo oficial de secretaria em 18 de Março de 1886. Por portaria de 15 de Abril do mesmo ano foi nomeado chefe da 2.<sup>a</sup> Repartição do Comércio, e a 5 de Agosto chefe da 3.<sup>a</sup> Secção da Repartição Central de Estatística. Em 24 de Dezembro de 1899 passou a primeiro oficial da secção arquivista do Conselho Superior do Comércio, onde esteve até falecer a 22 de Janeiro de 1902.»

Tôda a ambição de Silva Pereira consistiu em ver impresso o seu *Dicionário Jornalístico*. «Uma espécie de pequeno testamento literário seu, que me veio às mãos, o comprova», escrevi na obra que citei. «Nele, declarando-se cansado e minado por doença que em breve lhe terminaria a vida, pedia que lhe publicassem o *Dicionário*, depois de revisto por três jornalistas distintos. O que mostra que êle mesmo não tinha absoluta confiança no seu trabalho, e muito conscienciosamente desejava que outros o examinassem, não entendendo que um só revisor bastasse para lho corrigir e aperfeiçoar».

E, aludindo aos senões ou lapsos que se lhe podem apontar, acrescentava eu: «Em nada êles amesquinham ou apoucam o merecimento de quem, aventurando-se num verdadeiro dédalo de pesquisas e minudências, realizou obra tão vasta e complexa, em condições particularmente



desfavoráveis para empreendimento que, aliás, exigia saúde, tempo disponível, desfôgo de situação pessoal e sossêgo de espírito que Silva Pereira nunca teve para trabalho cuidadoso e repousado. E não digo completo, porque reputo impossível tê-lo efectuado sem falhas, tal é a dificuldade, e, em muitíssimos casos, a impossibilidade de fazer verificações em face das próprias publicações jornalísticas, como seria indispensável para estudo consciencioso e seguro.»

«Silva Pereira pertencia àquela estirpe de indefessos e operosos trabalhadores das letras, que, sem exagêro, podem qualificar-se de heróicos. Era da família intelectual, insaciável no investigar e no querer saber a que pertenciam o Abade Diogo Barbosa Machado, António Ribeiro dos Santos, Inocêncio Francisco da Silva e Pedro Venceslau de Brito Aranha, com os quais, se, em certos predicados, não podia ombrear, em vista dos seus muito mais modestos recursos e aptidões, competia, sem dúvida, em perseverança e em energia de vontade. O seu empreendimento foi, a muitos respeito, menos grato e realizado em condições menos propícias do que o dos bibliógrafos que acabo de citar, mas isto só reverte em acréscimo de valor na apreciação do que representa o seu trabalho.»

Deixando consignadas aqui estas ligeiras notas, acompanhadas do retrato não muito conhecido de Silva Pereira, pretendo apenas, ainda em relação com as comemorações do tricentenário do primeiro periódico português, chamar a atenção dos leitores de *Olisipo* para o mais devotado e prestimoso bibliógrafo que tem tido o periodismo nacional. É um acto de justiça, a que muito estimo poder ligar a revista consagrada particularmente às pessoas e coisas olisiponenses.



# A 1.ª “rua da Imprensa” que houve em Lisboa

Por LUIZ PASTOR DE MACEDO

**P**OR iniciativa do Sindicato Nacional dos Jornalistas, de que é presidente o distinto escritor e nosso consócio sr. Luiz Teixeira, e sob a orientação duma comissão a que presidiu o erudito académico e também nosso consócio sr. dr. Alfredo da Cunha, acaba de comemorar-se, e com bastante brilho, o tricentenário da *Gazeta* denominada da *Restauração*, circunstância que nos convida, por vir a-propósito, a dizermos aos leitores de *Olisipo*, qual foi a primeira rua de homenagem à Imprensa que houve em Lisboa.

Conhece o leitor a nossa rua da Palma? Com certeza. E' aquela rua onde na sua parte mais estreita — a que vai do Socorro à rua dos Fanqueiros — faz com que o lisboeta experimente a sua paciência, quando por ela passa, quer de eléctrico, quer de automóvel, tal a lentidão com que o trânsito se escoia por ali.

Mas se o leitor conhece a rua da Palma, talvez já não conheça a sua história e por isso aqui lhe declaramos que a popular e tantas vezes amaldiçoada rua é antiquíssima, pelo menos do século XVI. Deve-se porém observar, que ela não tinha então o comprimento que hoje lhe conhecemos, mas só aquele que vai das trazeiras da igreja de S. Domingos até ao antigo largo de S. Vicente, à Guia (rua Martin Moniz).

Também não se julgue que ela, sendo tão estreita como actual-



mente é, era então tão larga. Nada disso. Ainda era mais acanhada: apenas um carreiro por onde cabia uma carruagem sem deixar espaço para outra, carreiro que chegou até ao último quartel do século XVIII.

Desde então, por fôrça do decreto de 9 de Maio de 1776 que determinou a expropriação de 16 propriedades do lado norte da rua, ela ficou com a largura que hoje, envergonhada, nos oferece ainda. O que naquele tempo foi um desafogo para o trânsito — e que desafogo! — constitue hoje um estrangulamento — e que estrangulamento!

Mas a cidade continuava a alargar-se e os seus bairros excêntricos a povoarem-se. Anjos e Santa Bárbara cresciam a olhos vistos, o Forno do Tejolo tentava urbanizar-se, Arroios e Penha de França aumentavam de dia para dia, e assim, a Câmara não teve mais que fazer se não mandar elaborar a planta do prolongamento da rua da Palma até ao Intendente. Foi isto em 1857 ou princípios de 1858.

Então no tampo da rua corria o trôço da muralha fernandina compreendido entre o Arco do Marquês do Alegrete e a tôrre do Jôgo da Pela, e a ermida da Senhora da Guia erguia-se ali desde há muitíssimos anos. Para além da muralha, onde desde os começos do século XVI se abria um postigo, vicejavam hortas. A primeira, que chegava até à carreirinha do Socorro, era a *das Atafonas*, que pertencia a um Tio Francisco — o *Catavento* de alcunha, segundo parece; depois, a seguir a umas casas que se levantavam na mesma carreirinha e que pertenciam aos herdeiros de Jerónimo de Almeida Brandão e Sousa, 1.º Barão da Folgosa, estendiam-se terrenos, alguns ajardinados, dos mesmos proprietários, e a estes, as verdes *hortas da Passagem, das Lorangeiras e dos Mangericões*.

Pois o projecto do prolongamento estava concluído em Setembro de 1858 e foi aprovado na sessão camarária efectuada no dia 30 daquele mês, mas, na verdade, êsse projecto foi aprovado não como o do prolongamento da antiga rua da Palma, mas sim como o de uma artéria independente e que portanto necessitava de ter um nome. E o nome deu-se-lhe: *rua da Imprensa*.

Passaram-se meses. O governador civil, que andava cogitando em acabar com o transtôrno que provinha de haver nomes iguais em várias ruas, e em suprimir nomes de algumas que pareciam ser prolongamento de outras, encheu-se um dia de coragem e deitou cá para fora um edital



onde os topónimos citadinos pareciam que dançavam uma quadrilha interminável. Uns iam para a direita, outros para a esquerda; uns avançavam, outros recuavam; muitos desapareciam na grande confusão. Um destes foi o da jovem *rua da Imprensa*, que viu o seu território ficar sob a denominação de rua Nova da Palma.

O edital do governador civil tem a data de 1 de Setembro de 1859; portanto a homenagem municipal à Imprensa esteve apenas registada durante onze meses nos dísticos do arruamento.

E agora responda-nos cá o leitor; sabia que grande parte da rua da Palma tinha sido a 1.<sup>a</sup> *rua da Imprensa* que houve em Lisboa?

---

---

## PÉROLA DO ROCIO, LDA.



Casa especializada em Chá,  
Café, Bolachas, Bombons  
e Chocolates

**ENVIO DE ENCOMENDAS**

---

---

para todo o País e Estrangeiro

---

---

Rocio, 105 = Lisboa

TELEFONE

**2 0144**

---

---



A visita do Grupo ao  
Instituto Português de Oncologia  
em 30 de Março de 1941

ANOTAÇÕES POR ALVARO PEREIRA DE LACERDA

**O**S numerosos «Amigos de Lisboa», que previamente se haviam inscrito na sede do Grupo para a visita ao Instituto Português de Oncologia ao chegarem ali, às 11 horas do dia 30 do mês de Março último, repartiram-se em 3 grupos de pessoas em número sensivelmente igual, iniciando cada um deles a sua visita por Pavilhão diferente; e como as instalações do I. P. O. se acham distribuídas por 3 Pavilhões, puderam começar todos a visita ao mesmo tempo e — depois de os visitantes terem esquadrihado tudo quanto nos 3 edificios se contém, sem atropelos, nem pressas, e com a comodidade e sossêgo requerido para escutarem, atentamente, a prelecção mais do que descrição, feita pelo seu guia — acabaram ao mesmo tempo.

À frente de um dos grupos colocou-se o Sr. Prof. Francisco Gentil director do estabelecimento; à frente do outro o Sr. Prof. Mark Athias e à frente do terceiro o Sr. Dr. Benard Guedes, todos sócios do nosso Grupo.

O primeiro iniciou a sua visita pelo Pavilhão do Rádio; o 2.º pelos serviços administrativos e o 3.º pelo Pavilhão das Consultas Externas e do Raio X.

Graças às informações prestadas por tão iminentes guias, ficou-se conhecendo alguma coisa da história do I. P. O. que criado pelo decreto



de 29 de Dezembro de 1923, funcionou na 1.<sup>a</sup> Clínica Cirúrgica do Hospital Escolar de Lisboa, até 1927 ano em que, mercê de uma verba concedida pelo Instituto de Seguros Sociais, se inauguraram as primeiras instalações nos terrenos adquiridos em Palhavã, e onde hoje se erguem os 3 Pavilhões objecto da visita.

Dêstes, o primeiro construiu-se no curto espaço de 90 dias, afim de o mais rapidamente que fôsse possível, se iniciar a luta contra o cancro. Nele se encontram actualmente instaladas: as consultas externas, a secção de tratamento e diagnóstico radiológico e os laboratórios de análises clínicas, de anatomia patológica e de fotografia bem como o arquivo geral, onde já se acham inscritos 30 mil doentes. É este Pavilhão o primeiro que se encontra à esquerda de quem transpõe o portão de acesso ao recinto murado, que cerca as instalações do I. P. O. No pavilhão de aspecto idêntico, mas colocado no lado oposto ao primeiro e construído também em 1927, ficam os serviços administrativos e as consultas das especialidades: ginecologia, oto-rino-laringologia e estomatologia; esta última, há pouco inaugurada e já com um apetrechamento completo.

O 3.<sup>o</sup> Pavilhão construído é o do Rádio, o mais interessante de todos existentes, não só pela sugestão que desperta na mente do público o facto de ser ali que se encontra guardado e que se manipula o precioso metal descoberto pelos esposos Currie, mas também porque é na verdade uma construção muito especial e com particularidades tais que a tornam, de natureza, mais ávida de ser vista que qualquer outra.

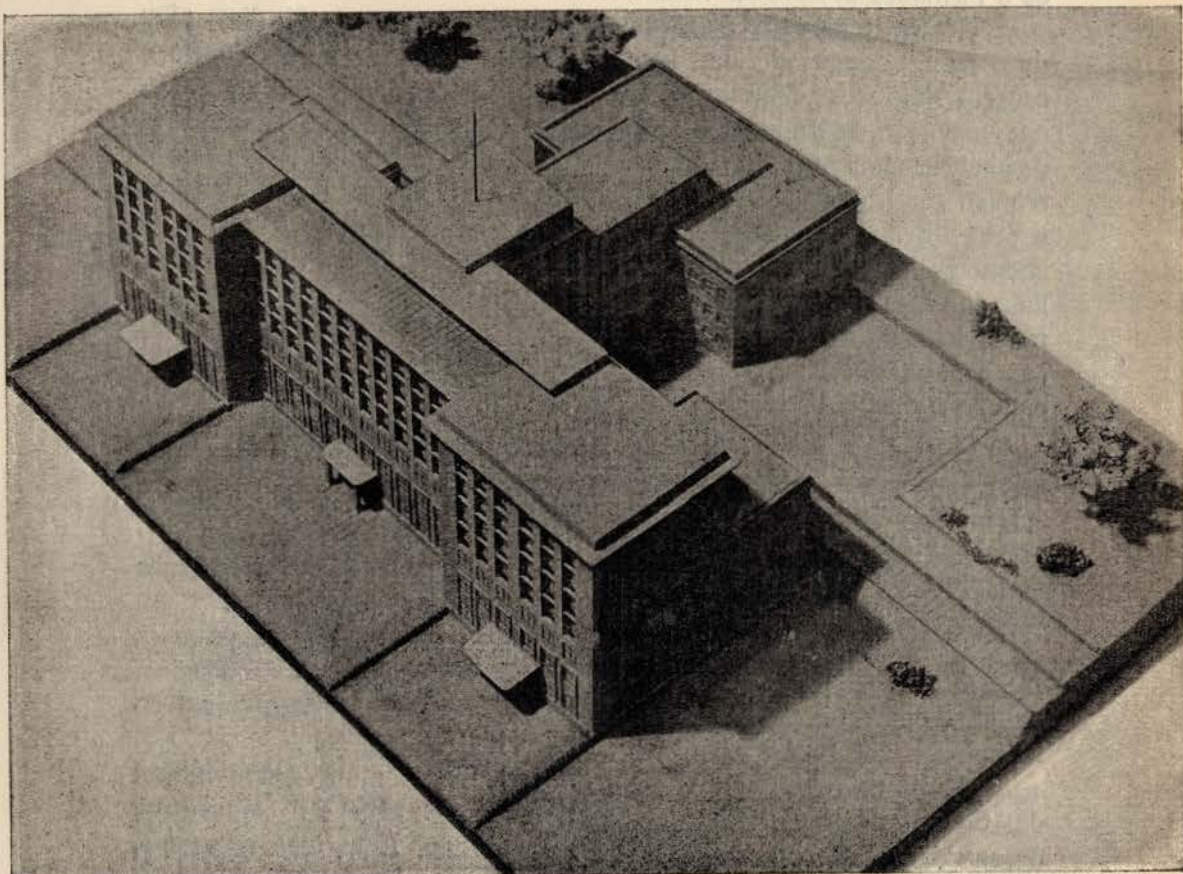
O Pavilhão do Rádio aberto ao público em 1934 foi a primeira construção criada na Europa com protecção eficaz contra as radiações, em obediência aos princípios votados no 2.<sup>o</sup> congresso Internacional de Radiologia, que reuniu em Stockholm em 1928.

Todas as paredes do edificio são formadas por uma parte central de 16 centímetros de barita que tem de ambos os lados 2,5 centímetros de cortiça, 7<sup>m</sup> de betão armado e 2,5 de reboco. É curioso notar que até então apenas se empregava o chumbo, como meio de protecção contra radiações principais. Dado o preço avultado que custaria o emprego do chumbo estudou-se o grau de protecção da barita, que, entre nós, abunda, encontrando-se a equivalência de 1 para 4; quer dizer, os 16 cm. de barita que constituem o centro de todas as paredes do pavilhão do rádio representam 4 cm. de chumbo, protecção considerada



absolutamente eficaz para as radiações produzidas por uma quantidade de 10 gramas de rádio. Durante a visita os «Amigos de Lisboa» puderam vêr um corte desta curiosíssima construção.

No rez do chão dêste Pavilhão ficam : Biblioteca, Laboratórios de



Histo-fisiologia, Físico-química, Física, Sala de Propaganda, Serviço de moldes para aplicação de rádio, Sala de extracções e casa cofre de rádio, onde os visitantes viram algumas agulhas do precioso metal na quantidade aproximada de 2,5 gramas que se encontram fechadas num cofre muito original, feito em Lisboa.



No 1.º andar, onde fica a entrada do edificio, estão: Salas de espera, e de conferências, sala de tratamentos em doentes externos, serviço de Chaoul, enfermarias de 6 camas de homens e de 12 camas de mulheres, cosinha e instalações do pessoal de enfermagem.

No 2.º andar: Sala de operações e anexos, gabinete dos médicos, sala de tratamentos, 2 enfermarias de 6 camas, 2 de 4 e 2 quartos particulares.

No tampo deste edificio há um belo terraço, do qual os visitantes puderam observar as obras para a construção do novo bloco hospitalar, além de admirarem o excelente panorama que dali se desfruta. É um solário para gôso dos doentes.

Este novo bloco é uma consequência do desenvolvimento extraordinário que os serviços do I. P. O. tem tomado, o que torna as actuais instalações acanhadas. Os seus alicerces já se encontram no terreno, e marcam um edificio que será o maior de todo conjunto.

Na Sala de propaganda, onde se encontra uma exposição permanente destinada a dar ao público uma idéa do problema do cancro e das formas de o combater, é a atenção dos visitantes chamada para a marcha e desenvolvimento da instituição.

E, assim, verifica que funcionando o I. P. O. no 1.º ano com cerca de 900 doentes, este número subia em 1940, a perto de 5.500. A obra de luta contra o cancro que incumbe ao I. P. O. é muito dispendiosa e por isso é natural que a sua Direcção dê, por vezes, tratos à imaginação para porporcionar os benefícios das terapêuticas empregadas a todos os que acorrem confiadamente a esta instituição.

As dotações do Estado, tem-se adicionado os produtos de subscrições e de donativos particulares, principalmente os angariados pela Comissão de Iniciativa Particular da Luta contra o Cancro, mas o total assim obtido fica, infelizmente, muito àquem das necessidades. Para aumentar mais o auxílio a tão importante obra, acaba de fundar-se a Liga contra o Cancro que se destina a cooperar com o I. P. O. em todos os aspectos.

Terminou a visita dos 3 grupos simultaneamente; e se a ilustre Direcção do I. P. O. não tivesse tomado a deliberação de dividir os visitantes em grupos, não se poderiam ter visto todas as instalações, em toda a sua minúcia, com todo o pessoal superior e não superior a postos e sem incomodar os doentes que ocupavam as enfermarias.



Os Pavilhões visitados fazem parte de um primitivo projecto, hoje posto de parte pois, em virtude da nova disposição do terreno do Instituto e da rua traçada pela Câmara Municipal, houve que fazer o último projecto, elaborado pelo Sr. Eng. Tavares Cardoso e pelo architecto Sr. Walter Distel.

É este o definitivo e acha-se representado pela figura que acompanha esta notícia.

A sua fachada e todo o seu conjunto são um elemento de embelezamento da nossa cidade com todo aquele aspecto grave e sombrio que a natureza do estabelecimento impõe ao edificio que se destina a aliviar a humanidade das conseqüências de um dos mais terríveis males que a afligem e que é objecto de permanente e aturado estudo nas instituições congêneres em quasi todas as nações do mundo.

\*

Os «Amigos de Lisboa» endereçam ao Sr. Prof. Francisco Gentil, director do I. P. O. e aos seus prestimosos colaboradores. Srs. Prof. Mark Athias e Dr. Benard Guedes, os seus mais efusivos agradecimentos, pela visita que proporcionaram aos seus consócios e pela forma como a orientaram e a conduziram.

# OCIDENTE

REVISTA PORTUGUESA

*Director e Editor:*

**Alvaro Pinto**



PORTUGAL..... 115\$00  
COLÓNIAS PORTUGUESAS ..... 125\$00  
BRASIL ..... 120\$000  
ESTRANGEIRO, £ 1-8-0 ou 7 dollars

RUA DO SALITRE, 155-1.º  
LISBOA — PORTUGAL

Assinatura: Ano com direito  
aos números especiais

# Aquarelas de Lisboa

CONFERENCIA REALIZADA NA SEDE DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»,  
EM 24 DE ABRIL DE 1941

POR JOSE' DIAS SANCHES

**B**EM diz o velho ditado: «Os amigos são para as ocasiões» e tão certo é, que coube hoje a ocasião de vir aqui pela primeira vez êste amigo de Lisboa, enfadar-vos durante algum tempo.

É para lastimar que V. Ex.<sup>as</sup> estejam julgando que vão ouvir uma conferência ou uma palestra como tantas que aqui se tem feito.

Desde já vos desiludo porque as minhas faculdades, ficam muito àquem daquelas, que em boa hora se fundiram num só bloco, como nova muralha defensora de Lisboa.

No entanto, prometo não vos enfadar muito, dentro de minhas forças evitar-vos algum bocejo, tornando-me breve na leitura dêste trabalho que tereis a paciência de escutar.

Não é pois uma conferência o que ides ouvir, mas sim uma despretenciosa palestra sôbre alguns motivos do passado, os quais nos dêem para umas aquarelas de Lisboa.

Tomemos da caixa das tintas, do bloco, do cavalete e a par duma boa disposição, vamos calcurrear essas ruas alfacinhas, onde o sol se espreguiça, onde cada pedra tem uma história que contar, em busca de assuntos propícios para uns quadros, que nos falem e nos mostrem levemente, embora, o que foi Lisboa desde a hera dos afonsinhos até nossos dias.

Se a aquarela é dos processos de pintura aquele que mais nos encanta a vista, não só pela frescura com que se nos apresentam as



suas côres, como pela graciosidade da sua técnica, emprestemos da aguarela essa graciosidade às reproduções desta nossa Lisboa, que é só por si a mais linda aguarela dos Portugueses.

Por vezes cogito que o Deus Supremo, ao olhar para êste canto, se aproveitou das águas do Tejo, para colorir êste quadro de retalhos multicolores em contraste com o azul dos oceanos.

Não só me refiro à Lisboa de ontem, que ainda môça mal se apercebia adentro do seu berço de ouro coroado por ameias.

À Lisboa de ontem que foi candela aceza dos espíritos aventureiros, que ao mar se fizeram, mostrando ao mundo novos horizontes.

À Lisboa de ontem que o destino fez tremer e socumbir e mais tarde ressurgida por Pombal!

È à Lisboa de hoje que na razão inversa da natureza, quanto mais o tempo passa, mais nova, mais gentil se vê e revê, nas miragens tranqüilas do Tejo, seu grande espelho de confidências amorosas.

Se a aguarela é como disse, um dos processos de pintar em que as côres se avigoram com uma frescura inegalável em qualquer outra, não menos sucede também com esta nossa Cidade, em confronto com tantas outras por êsse Mundo fora, onde a poeira dos séculos, tem tornado doentias as expressões, fisionomias, e até os corações!

Dispondo-nos a esta excursão artística, parando aqui, detendo-nos acolá, fixando o olhar num velho pergaminho, a imaginação num remoto cenário lisboeta, vamos reconstituir o passado em pequenas aguarelas, como o mais belo modelo do presente.

Oxalá que a luz que ilumina o espírito não seja de mortíça chama de azeite, mas de luz a jôrros, para que possa distinguir com uma certa nitidez, os vários cambiantes que envolvem os assuntos a reproduzir, que realsam essa Lisboa do tempo dos nossos antepassados, essa Lisboa que já vai longe dos nossos dias, desfolhada pelo progresso. Pena é que os quadros que se vão reconstituir não sejam por pincéis de mestre consagrado, em vez de o ser por um simples amigo de Lisboa.

Porque só a um artista de conceituado nome, compete tratar certas reconstituições lisboetas, devido ao cuidado, à perícia, à ciência, que elas exigem, à subtilidade ao carácter e à tonalidade que elas possuem. Já que me refiro a mestres consagrados, no campo da olisipografia, não devo deixar neste momento de prestar homenagem entre tantos, aos



# B.B.C.



*fala e o mundo acredita*

## Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

Horas		Estações	Ondas curtas
12,15	Noticiário	G R Z	13,86 m. (21,64 mc/s)
		G S O	19,76 m. (15,18 mc/s)
12,30	Actualidades	G R V	24,92 m. (12,04 mc/s)
21,00 (*)	Noticiário	G S C	31,32 m. ( 9,58 mc/s)
		G S B	31,55 m. ( 9,51 mc/s)
21,15 (*)	Actualidades	G R T	41,96 m. ( 7,15 mc/s)

(\*) Êste período de Noticiário e Actualidades ouve-se também em ondas médias de 261,1 metros (1,149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).

Criai o hábito de ler o «LONDON CALLING», semanário ilustrado e órgão oficial da B. B. C.

A' venda nas principais tabacarias e na Livraria Bertrand, R. Garrett, 73-75, ao preço de Esc. 1\$20.



# AMIGOS DE LISBOA

## Edições do Grupo, limitadas e algumas quasi esgotadas

Preço de venda para os sócios      Preço de venda para o público

Noite de Evocação do Café Martinho (*esgotado*)  
Noite de Evocação do Leão de Ouro . . . . . 5\$00    7\$50

### NORBERTO DE ARAÚJO

Pequena Monografia de S. Vicente.  
Edição vulgar . . . . . 5\$00    6\$00  
Edição especial . . . . . 12\$00    20\$00

Urbanização de Lisboa . . . . . 2\$00    3\$00

### LUIZ MOITA

Ermida de Santo Amaro . . . . . 6\$00    7\$00

### EDUARDO NEVES

Ruínas do Carmo . . . . . 2\$00    3\$00  
Igreja da Penha de França (*esgotado*)  
A Faculdade de Medicina . . . . . 4\$00    5\$00

### MARIO DE SAMPAYO RIBEIRO

Igreja da Conceição Velha . . . . . 2\$00    3\$00  
A Igreja e o Convento da Graça . . . . . 5\$00    7\$50

### ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA (SIDÓNIO MIGUEL)

A Igreja e o sítio de Santo Estêvão . . . . . 4\$00    5\$00  
Ronda e Silva de Lisboa Velha . . . . . 8\$00    10\$00  
O Campo de Santa Clara . . . . . 4\$00    5\$00  
Bagatelas do tempo vário . . . . . 8\$00    10\$00

### Arq. ANTONIO DO COUTO

A Igreja do Menino de Deus . . . . . 4\$00    5\$00

### LUIZ CHAVES

Lisboa no Folclore . . . . . 4\$00    5\$00

### RUY DE ANDRADE

Alfredo de Andrade e alguns problemas de edilicia citadina . . . . . 4\$00    5\$00

Olisipo. De 1 a 17. Cada número . . . . . 5\$00    7\$50

### HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA

Casas onde, em Lisboa, residiu Almeida Garrett . . . . . 4\$00    5\$00

### ALFREDO DA CUNHA

«Olisipo» Berço do Periodismo Português 4\$00    5\$00

## Edições consignadas

Preço de venda para os sócios      Preço de venda para o público

LUIZ PASTOR DE MACEDO  
A Baixa Pombalina . . . . . 6\$00    7\$50  
A Rua das Canastras . . . . . 6\$50    8\$00

Crítica, Correções e Aditamentos, à obra «Lisboa do meu tempo e do passado — do Rossio à Rotunda», do Sr. João Paulo Freire (Mário) . . . . . 4\$00    6\$00  
Notícias e registos curiosos extraídos dos livros paroquiais da freguesia da Sé. . . . . 6\$50    7\$50  
Tempos que Passaram . . . . . 10\$80    12\$00

### MARIO DE SAMPAYO RIBEIRO

A Calçada da Ajuda.  
Edição vulgar . . . . . 6\$50    7\$50  
Edição especial . . . . . 13\$50    15\$00

### NORBERTO DE ARAÚJO

Peregrinações em Lisboa, n.ºs 1 a 15, cada 7\$00    8\$00

### JOSÉ PERRY DE SOUSA GOMES

Lisboa — da sua vida e da sua beleza . . . . . 3\$60    4\$00

### J. S. VIEIRA

O Convento dos Marianos . . . . . 4\$00    5\$00

### FRANCISCO CANCIO

Aspectos de Lisboa no século XIX. . . . . 108\$00    120\$00  
Lisboa de outros Séculos — à Sombra dos Paços Reais. . . . . 54\$00    60\$00  
Lisboa de outro século «Cem anos de Pitoresco» . . . . . 63\$00    70\$00

### ALBERTO MEYRELLES

Lisboa Ocidental . . . . . 8\$00    10\$00

### CONDE DE ALMADA

Relação dos Feitos de D. Antão de Almada.  
Edição vulgar . . . . . 10\$80    12\$00  
Edição especial . . . . . 18\$00    20\$00

### ROBERTO DIAS COSTA

A Paróquia de S. Jorge da cidade de Lisboa 7\$50    8\$50

### ARQUITECTO PAULINO MONTEZ

A Estética de Lisboa . . . . . 18\$00    20\$00  
Lisboa-Alcântara / Alvito . . . . . 13\$50    15\$00

### CORONEL MIGUEL GARCIA

Pátria e Independência . . . . . 3\$00    3\$50  
Fundação da Nacionalidade . . . . . 3\$50    4\$00

### JOÃO PINTO DE CARVALHO (FINOP)

Lisboa de Outrora, 1.º, 2.º e 3.º vols., cada 7\$00    8\$50

### JORGE HUGO PIRES DE LIMA

Propriedades de S.ª Cruz de Coimbra em Lisboa no século xu . . . . . 4\$50    5\$00

### JOSÉ CASSIANO NEVES

Jardins e Palácio dos Marquêses da Fronteira . . . . . 18\$00    20\$00

**E tôdas as edições culturais da Câmara Municipal de Lisboa**



seguintes nomes que focaram Lisboa com a sábia visão de laureados artistas.

Frei Nicolau de Oliveira, Duarte Nunes de Leão, Pedro Maris, Frei António da Purificação e muitos mais, até Júlio de Castilho que com seu mago pincel realizou uma das melhores exposições de quadros de Lisboa, ao pintar a sua Lisboa Velha que é sempre nova para os vindouros. Bem haja nestes nossos dias a existência da escola de Castilho em que os amigos de Lisboa são seus devotados discípulos apesar de o serem também alguns, Mestres de renome.

Comecemos por fixar o cavalete na nossa frente e com várias côres na paleta, vamos iniciar a primeira aguarela de Lisboa.

A 27 de Maio de 1748, em meados duma festiva primavera, em que as árvores se emfeitam e se vestem de novos trajos, numa época do ano, em que todo o alfacinha não pára um dia em casa, por lhe apetercer pisar nas ruas a alcatifa doirada pelo sol, o Príncipe D. José, que mais tarde foi o primeiro Rei de Portugal com aquele nome, comprava ao espingardeiro Xavier dos Reis, então estabelecido em Lisboa, uma preciosa espingarda pela quantia de vinte moedas de ouro de quatro mil e oitocentos cada uma, para presentear seu mestre de Cravo, chamado D. Lucas. Como esta lembrança exaltasse o entusiasmo que o Mestre do príncipe tinha pela caça, este assim o presenteou por não ser também menos apaixonado por aquele exercício que praticava de bem novo, principalmente nas terras vizinhas da cidade de Lisboa.

Assim se fez um Rei não só caçador de javalis como de gaselas formosas e elegantes. Amiudadas vezes a Família Real recreava-se nas quintas que D. João V comprara para os lados de Belém e Ajuda, como até mesmo na Real Tapada de Alcântara, para os lados do Velho Paço de Xabregas, etc., ao tempo covis de animais selvagens.

Porém, era na Tapada de Alcântara, que a Família Real se entretinha de preferência na caça, não de simples coelhos ou lebres — que também os havia — mas sim de javalis, côrças, veados, etc.

A «Gazeta de Lisboa» do ano de 1732, refere-se a uma dessas caçadas que próximo estaria do que vou contar.

O inverno daquele ano, despira sua vestimenta de folhagem e empalidecera o céu azul de Portugal. Os tons violáceos, frios



e tristonhos predominam na paisagem, donde sobressaem troncos esqueléticos de árvores gigantes, entrelançando-se como braços de amigos.

A Tapada está coberta dum espesso tapete amarelado. São as folhas mortas que engrinaldam a terra. O orvalho durante a madrugada, entreteve-se a envernizar certos pormenores dêste cenário ainda envolto na neblina matinal, como tocado da manhã, a natureza desperta dum longo sono, os olhos abrem-se e o chilrear da passarada começa à proporção que o dia vai espreitando lá ao longe, por detrás do Monte do Castelo, das Tôrres da Sé, dos telhados do Paço Real.

O vento madrugador silva por entre os matagais, antes dos melros se desafiarem para a bebida.

Assim aquarelamos a manhã de 26 de Fevereiro de 1732.

Junto à entrada da Real Tapada de Alcântara encontravam-se em grupo diversos empregados nas caçadas daquele tempo, apesar destas não se revestirem já do brilho e lusimento visto em outras mais antigas, que foram verdadeiras apoteoses régias.

Lá em baixo, sôbre a decrépita ponte de Alcântara, passa aos solavancos o estufim onde vem a Rainha, os príncipes e o Senhor Infante D. Pedro.

Na Tapada está o pessoal a postos.

Ouvem-se vozes de comando. Luzem canos de espingardas de vários calibres, tilintam facas de mato de diversos tamanhos.

Monteiros a pé e a cavallo, em nervosismo, aguardam o toque da partida.

Môços de cães, também de apurado faro naquelas empresas, levam em matilhas sabujos e alãos, presos por trelas várias.

Deslumbra aquele espectáculo onde o sol dourando, torna nítidos os vários planos, à proporção que as suas pétalas de côr rubra se levantam no horizonte.

Da entrada da Tapada, até ao sítio onde a batida devia começar, tinha que se galgar bastante.

E' para o lado poente que os caçadores se dirigem, pois que para ali é que os covis albergam os varrões bravios.

Chega a Família Real.

O monteiro-mor recebe a comitiva, com as devidas vénias.



O estufim traz os vidros embaciados. Os arreios e o tejadilho vêm orvalhados.

Os principais caçadores cumprimentam a Rainha. Há tecidos espessos que se fransem nas cinturas apertadas por largos cinturões de cabedal cravejados a prata. Há camisões largos, como os velhos pelotes, todos em carneira com aplicações douradas, de bolsos enormes aonde se guarda material de caça. Chapeirões de abas largas, enfeitados com penas de aves raras, em suma, uma indumentária própria para folganças daquelas. Os batedores dispersam-se em grupos, segundo ordens do Monteiro.

O Casalinho da Ajuda, ao longe, alveja o sol, espreguiça-se meio acordado nos braços do Monsanto. Os sabujos e alãos, famintos duma batida, sôfregos de carne fresca, ávidos de correrias, presos, ladram. A caravana sobe a encosta da Tapada. Ouve-se o pisar do mato, e um ou outro tilintar de metais. Até que ao cabo de algum tempo se descobre o sítio escolhido para os caçadores se colocarem nas portas.

Está tudo a postos, de olhares atentos, dedos nos gatilhos.

Ao largo, ouve-se a vozearia dos batedores, que de cajado em punho vêm batendo o mato dos confins da Tapada, até ao local onde estão os caçadores de atalaia.

Súbito, numa correria furiosa, rasgando tudo que se lhe depara, recalcando o piso empapado dalgumas clareiras encharcadas, surge uma fera, javali raivoso, todo enlameado, de dentes recurvos, de olhar desconfiado, prestes a ser abatido.

A vozearia atormenta o animal, que se vê caído na armadilha. As saídas estão fechadas, alguns caçadores afirmam-se na pontaria até que a trompa de caça dê o sinal de desfecho, e enquanto se aguardava aquele toque, assoma outro javardo, que seguira o trilho do primeiro talvez por julgar que êste fôsse astuto e bom guia.

Os dois bichos defrontam-se, entestam-se. De repente, avançam um para o outro, grunhem, recuam e atiram-se de novo de corpo a corpo.

Há um que é mais forte. Rasga com os dentes o adversário que se defende. A vozearia é cada vez maior. Os espectadores sentem o sangue a pular-lhe nas veias. Há apostas, e os animais já sangram. Ouve-se um toque: é o sinal para os môços de cães largarem à estacada



quatro ou seis. A luta é ainda maior, ouvem-se ganidos e grunhidos. Há corpos que se batem, dentes que se mordem.

O entusiasmo aumenta como se estivéssemos num circo da velha Roma. O sangue vai ensopando o terreno. Dois cães já estão mortos, até que o sinal é dado para abater a caça. Ouvem-se tiros e alguns rolos de fumo de pólvora suspendem-se sobre o sítio das portadas ou das vigias. Os atiradores desfecharam, e assim terminou esta caçada, deslumbrante motivo para uma aguarela lisboeta.

Os anos sucediam-se e as caçadas reais nos arredores de Lisboa deixavam de se fazer em substituição doutras em que o deus Cupido, muitas vezes, com a sua flecha d'ouro, era o caçador, mas de corações amorosos.

\*

\*            \*

Parece-me ter concluído a primeira aguarela alfacinha. O primeiro quadro, desenrolado num dos subúrbios da Lisboa setecentista, dessa Lisboa que já difere da de ontem como a de amanhã será diversa da de hoje, e assim sucessivamente à proporção que os anos caem como baralhos de cartas, no jôgo do burro em pé.

Desta forma se vai metamorfoseando a fisionomia citadina. Uns retalham-na, outros aumentam-na, em suma, caracterizam-na como se fôsse menina nas mãos de bruxas.

Quem olhar para esta Cidade poderá julgar que houve caçadas como aquela que reproduzi, nos sítios hoje revestidos de tapetes de alcatrão por onde desliza o elegante modernismo?

Quem olhar para esta cidade no tempo de nossos avós, observa que a sua vida, o seu traje e o seu rosto era um tanto diferente do de hoje.

Observa que desapareceram uns determinados motivos citadinos, que não só embelezavam uma rua, um largo, como também prendiam a vista, ao contemplálos como pequenas peças arquitectónicas.

A ausência de certos motivos decorativos que, além de fazerem parte da vida das ruas, eram alegres companheiros do povo, foi origi-



nada pelo camartelo que os derrubou sob as exigências do progresso, que tem alterado a fisionomia citadina de tal forma, que hoje se torna difícil fazer uma conscienciosa reconstituição do passado.

Quantos chafarizes, arcos, nichos, passadiços, etc., têm desaparecido desta nossa Lisboa, que foram pontos predilectos dos que tinham sêde, dos que procuravam abrigo, dos que sentiam em algum santo ou registo o conforto espiritual?

Já Mestre Júlio de Castilho, numa carta inédita e datada de 21 de Abril de 1910 fazia transparecer a sua mágoa ao ver prestes a ser demolido o Arco de Santo André.

Essa em meu poder diz o seguinte:

Amigo e Sr. Caetano Alberto

Muito me penhora a sua carta, mas infelizmente nada temos já que fazer.

O Arco de Santo André está condenado. Afirma-me pessoa que o sabe, que o Conde da Figueira já recebeu 9 contos de réis da expropriação. Se os recebeu é porque a aprovou; se a aprovou, o insistir no caso é afligir aquele excelente homem, a quem basta o pêso dos seus oitenta e dois invernos. Sou particular amigo dêle, e não desejaria dar-lhe desgôsto, recordando-lhe um facto que êle não pôde evitar.

Portanto, meu caro Amigo, dispense-me. Não escreverei o artigo. Basta talvez transcrever a minha carta ao *Diário de Notícias*; como ela saíu um pouco errada, peço prova, e não demorei.

Isto tudo é uma tristeza para nós, que viemos neste malfadado tempo de utilitarismo brutal. Não há remédio. A ganância invadiu tudo.

Creia-me sempre amigo obrg.º

*Júlio de Castilho*

Lumiar, 21 de Abril de 1910

E assim, o grande amigo de Lisboa, Júlio de Castilho, se despediu daquele relicário alfacinha, que fizera parte do cenário lisboeta.

Mas vamos ao que importa e deixemo-nos de considerações. É nas ruas de Lisboa do passado, que procuro agora algum velho motivo para outra aguarela.



\*  
\*   \*  
\*

As procissões que vêm de longas datas, cheias de côr e de movimento, prendem-nos o espírito e a vista, ao fixá-las, como se fôsem velhas gravuras. As procissões efectuadas em Lisboa desde a conquista da cidade aos mouros até fins do século XVIII, são preciosos motivos para uma reconstituição do passado.

Nas procissões estudamos os trajos, os usos, os costumes, os ritos, as pragmáticas, em suma, comparamos as épocas.

O célebre Cronista Fernão Peres, na sua preciosa obra intitulada *Princípios de Portugal*, livro 5.º, fls. 181 verso, refere-se à primeira procissão religiosa que se realizou em Lisboa.

Foi após a conquista desta atalaia da Península aos mouros «*que saíra do arrayal e entrara na cidade*» e mais adiante acrescenta: «*e esta procissão mandou el-Rey D. Afonso se fizesse todos os anos em este próprio dia para sempre*».

Esse dia era a 25 de Outubro, dia dos Santos Mártires S. Crispim e S. Crispiniano.

Na Crónica da tomada de Lisboa e Fundação do Mosteiro de S. Vicente de Fora, vêm transcritas as seguintes palavras de Afonso Henriques sôbre essa procissão:

«Ordenade todos vossa Procissão muito honradamente, e com grande devoção, e entremos no corpo da Cidade, e em posse dela e de todas as suas fortalezas. Cá até agora entrámos todos por feridas, e por mortes, lidando contra nossos inimigos os mouros, e pois Deos nos fez mercê de tão nobre Cidade e havemos já cobrada, e os mouros fora dela, conheçamos por Autor desta Vitória ao mesmo Deos e Senhor nosso, dêmos-lhe graças por tantos benefcios como dele havemos recebido e entrêmos em posse desta nobre Cidade de que o Senhor Deos honrou e herdou a Coroa de Portugal. Ora entremos hoje em dia destes Santos Mártires, com grande prazer e com grande Vitória e d'aqui em diante viverêmos já em socêgo de nossos inimigos, com nosso bom prazer e com exaltamento do nome de Jesus Cristo e da Santa Fé Católica.»

(Continua no proximo número)



# Velhas casas de Lisboa

POR FREDERICO GAVAZZO PERRY VIDAL

I

## A casa em que nasceu o Beato João de Brito

(Continuado do n.º 16, págs. 152)

**M**AIS dois Administradores conhecemos ainda por êstes documentos, dos quais não sabemos o parentesco com Gonçalo Lourenço. Irmãos, filhos, sobrinhos?

É o primeiro:

*Bernardo Maria Lourenço Botelho Abreu Rego e Castro*, que vemos Morgado em 1815, casado com D. Maria Antónia de Sande de Almeida e Bourbon.

E o segundo:

*D. Rita Inácia Lourenço Botelho Abreu Rego Castro Castelo Branco*, que vivia em 1825, segundo parece, no estado de solteira.

*3.ª Escritura:*

*Instrumento de Reconhecimento de Foreira em 3.ª vida, e obrigação.* — Passado em Lisboa, cartório do notário Domingos de Carvalho Sotto Mayor, aos 12 de Janeiro de 1815.

1.º Outorgante: Jácomo António Maria Roncon, proprietário, morador na Rua da Madre de Deus, Freguesia de Santa Isabel, como procurador de Bernardo Maria Lourenço Botelho Abreu Rego e Castro, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real.

2.º Outorgante: D. Joana Maria Coutinho, viúva de Manuel Antó-



nio Coutinho, moradora na frente da Praça da Figueira, Freguesia de Santa Justa.

Disse esta, segunda outorgante: Que era senhora e possuidora de uma propriedade de casas, sita em Lisboa, Rua do Postigo de Santo André, Freguesia dêste Santo, que compõe um Praso de natureza de vidas e livre nomeação, do qual é directo senhorio o primeiro outorgante, a quem paga de foro anual 6.666 Rs., com laudémio de quarentena. Que lhe pertence êste praso por ter sido dêle possuidor o P.<sup>o</sup> Frei José Brochado, Religioso Agostinho, 1.<sup>a</sup> vida nêle, de que fez venda a seu marido, Manuel António Coutinho, 2.<sup>a</sup> vida, por escritura feita nas notas de António Joaquim de Queiroz, em 23 de Dezembro de 1785 (vide escritura anexa adiante). Que a 19 de Junho de 1809 foi seu marido reconhecido 2.<sup>a</sup> vida pelo senhorio directo.

*Anexos a esta escritura:*

a) *Procuração* de Bernardo Maria Lourenço Botelho Abreu Rego e Castro, Fidalgo da Casa de Sua Alteza Real, passada a Jácomo António Maria Roncon, em Lisboa, a 22 de Dezembro de 1814.

b) *Certidão* da verba testamentária de Manuel António Coutinho, Livro 366, a fls. 151, passada a 16 de Setembro de 1814 pelo Escrivão do Registo Geral dos Testamentos da Cidade de Lisboa e seu Termo, etc., Joaquim Inácio da Rocha Pereira e Magalhães.

Vê-se ter sido feito o testamento a 8 de Julho de 1813 e aberto a 9 seguinte e nele Manuel António Coutinho institui sua mulher, Joana Maria de Jesus Coutinho, sua universal herdeira e testamenteira.

c) *Petição* de D. Joana Maria de Jesus Coutinho, como enfiteuta, ao directo Senhor, de reconhecimento nela da 3.<sup>a</sup> vida do praso.

Tem o despacho mandando proceder à escritura acima, datado de Lisboa, no Grilo, a 16 de Dezembro de 1814.

*4.<sup>a</sup> Escritura.*

*Instrumento* de reconhecimento de foreiro e obrigação, passado em Lisboa, cartório do notário Pedro de Sepúlveda Quintal Pereira, em 16 de Abril de 1825.

1.<sup>o</sup> Outorgante: Bento Pais de Sande e Castro, moço fidalgo com exercício na Casa Real, Freire Conventual da Ordem de S. Tiago,



Prior da Igreja de Santa Maria do Castelo, da vila de Palmela, como procurador de D. Rita Inácia Lourenço Botelho Abreu Rego Castro Castelo Branco, cuja procuração vai indicada adiante.

2.º Outorgante: Braz da Cruz, comerciante, morador no Largo da Graça, Senhor e possuidor do domínio útil do Praso de natureza em vidas e de livre nomeação, 1.ª vida, de que é senhoria directa a referida D. Rita, que recebe de foro anual 6.666 Rs.

D. Rita succedeu nestes bens a seu irmão Bernardo Maria Lourenço Botelho Abreu Rego e Castro.

Compõe-se êste Praso de duas propriedades de casas contíguas, sitas do lado ao nascente da Rua de Santo André.

Por esta escritura Braz da Cruz reconhece a referida D. Rita senhoria directa daquele praso, obrigando-se ao anual pagamento do foro, o que o procurador da dita senhora reconhece e aceita, dando-lhe a posse desde logo.

*Procuração anexa a esta escritura:* A 14 de Abril de 1825 o tabelião Pedro de Sepúlveda Quintal Pereira vai ao Palácio sito ao Campo de Sant'Ana, residência de D. Rita Inácia Lourenço Botelho Abreu Rego Castelo Branco, solteira, e de D. Maria Antónia de Sande de Almeida e Bourbon, sua cunhada, viúva de seu irmão Bernardo Maria Lourenço Botelho Abreu Rego e Castro, a-fim-de estas Senhoras passarem procuração geral a Bento Pais de Sande e Castro, irmão da segunda.

★

### 3.ª SÉRIE DE DOCUMENTOS.

1.º) *Escritura da compra das Cazas a Santo André e Calsada do menino D.ª n.º 14. L.º 215, fls 119.*

Instrumento de venda, quitação geral, reconhecimento de foreiro e obrigação, de 20 de Outubro de 1821, perante o Tabelião de Lisboa José Manuel d'Antas Barbosa.

1.º Outorgante: Braz da Cruz, comerciante, morador no Largo da Graça.

2.ºs Outorgantes: Evaristo da Silva, mestre sapateiro, e sua mulher Maria do Carmo, moradores na R. da Rosa das Partilhas.



Disseram os segundos Outorgantes ser senhores de um Praso em vidas composto de suas propriedades de casas contíguas, sitas ao lado do nascente da Rua de Santo André, freguesia do mesmo Santo, que tem em uma frente os números 18 até 20 e no seu fundo casas contíguas com frente para um pátio, que pertence ao mesmo prédio, e tem esta propriedade os cômodos seguintes: Em n.º 18 é entrada de um armazém, com uma só casa e porta para a escada; em n.º 20 é entrada da loja, dividida em três casas; n.º 19 é entrada da escada, com loja de recebimento para serventia dos andares. O 1.º andar, dividido para dois moradores e cada um dos quartos dêles divididos em seis casas e seus despejos e porta para um pátio, que tem serventia para a Calçada do Menino Deus. O 2.º andar é dividido em onze casas e seus despejos e tem um pátio com casa para criação. O 3.º andar é dividido em 10 casas, um pátio de um lado e um quintal do outro. Em fundo desta propriedade há outra contígua, com frente para o sobredito pátio, com duas escadas, a primeira dando serventia aos 1.º e 2.º andares, cada um dividido em 4 casas, e a segunda escada, ao lado do poente, dá serventia a um primeiro andar, dividido em 3 casas e a um 2.º andar, dividido somente em duas.

Que estas duas propriedades formam um praso em vidas, foreiro a Bernardo Maria Lourenço Botelho Abreu Rego e Castro.

Que estas casas lhe pertenceram a êle, Evaristo da Silva, no inventário e partilhas a que se procedera por morte de sua avó, D. Joana Maria de Jesus Coutinho, e depois por morte de sua mãe, Maria Bernarda, conforme se vê de um formal de partilhas que apresentou, passado em nome do Desembargador Francisco de Assis da Fonseca, propriedades de que tomou já a devida posse.

E que nesta qualidade as vende ao 1.º Outorgante pela quantia de 4.000\$000 Rs. livres de sisa e laudémio.

Que no entanto apenas recebeu parte desta quantia, em virtude de tornas que tem de dar e liquidação do inventário acima indicado.

Que o 1.º Outorgante disse aceitar aquela escritura.

*Apensos:*

a) *Certidão da Sisa.*

b) *Requerimento ao Senhor do vínculo para poder vender o do-*



mínio útil, pagando os foros em atraso e o competente laudémio. Despacho favorável do senhorio directo.

c) *Auto de posse*, de 24 de Outubro de 1821, dada a Braz da Cruz, seguida da respectiva notificação aos Inquilinos.

2.º): *Recibo* passado, em 23 de Outubro de 1821, por António Montez Garcia, como testamenteiro e inventariante dos bens do falecido Anacleto José Bezerra, a Braz da Cruz, de 129\$200 Rs., pelas tornas devidas por Evaristo da Silva à herdeira Joaquina Rosa Bezerra, em que estava hipotecada a casa junto ao Arco de Santo André e que Braz da Cruz comprou, entregando-lhe todos os títulos pertencentes à referida propriedade, existentes em seu poder.

3.º): *Recibo* passado na mesma data, pelo mesmo António Montez Garcia, como testamenteiro dos falecidos D. Joana Maria de Jesus Coutinho e seu 3.º marido, Anacleto José Bezerra, a Braz da Cruz, da quantia de 1.721\$232 Rs., tornas que Evaristo da Silva devia dar a Felix Manuel Pereira Coutinho, de que o firmante é tutor, quantia em que estava também hipotecada a casa junto ao Arco de Santo André, e que Braz da Cruz comprou, entregando-lhe os títulos correspondentes.

4.º): *Requerimento e certidão por este pedida:*

a) *Requerimento* de Braz da Cruz, na execução movida por Ana Henriqueta e seu marido, contra Evaristo da Silva, em que pede certos documentos em certidão.

b) *Certidão*. Escrivão: José Teixeira Pinto Chaves Cabral. 1821. Segunda classe. Livro 3.º. Execução de Sentença Cível da Carta de Partilhas em que são partes Ana Henriqueta de Jesus Coutinho e seu marido, José Gregório Brício, contra Evaristo da Silva e sua mulher, Maria do Carmo; fls. 243. Termo de quitação de 1.522\$773 Rs., de tornas dos Reus. Em 24 de Outubro de 1821. Receberam os Exequentes dos Executados, por mão de Braz da Cruz, a quantia referida.

5.º) *Declaração* de Evaristo da Silva e de sua mulher, feita a 14 de Outubro de 1821, de terem vendido a Braz da Cruz a propriedade de casas, sita junto ao Arco de Santo André, praso foreiro a Bernardo



Maria Sousa Botelho, por 4.000\$000 Rs., recebendo naquele acto a quantia de 96\$000 Rs. obrigando-se a assinarem a escritura de venda, sendo a siza da conta do comprador, obrigando-se à entrega dos títulos e a desobrigar a dita propriedade das tornas em que está onerada.

6.º) *Requerimento* de António Montez Garcia, como testamenteiro e inventariante dos bens de D. Joana Maria de Jesus Coutinho e seu 3.º marido, e tutor nomeado aos menores, em que diz que pelo Inventário deve o herdeiro Evaristo da Silva dar de tornas ao menor Felix Manuel Pereira Coutinho 1.781\$232  $\frac{1}{3}$  Rs., a sua irmã, Ana Henriqueta de Jesus Coutinho 1.522\$777  $\frac{1}{3}$  Rs., e a Joaquina Rosa 129\$205 Rs. E porque lhe consta ir vender o referido Evaristo da Silva a Braz da Cruz uma propriedade de casas, sita junto ao Arco de S.º André, principal bem dado para pagamento da quota hereditária, pede seja citado o dito comprador para não entregar do preço ajustado as referidas quantias, em razão de ser delas credor como tutor do menor, e ainda mais 1.000\$000 pertencente à herdeira Ana Henriqueta, e isto com a cominação de ficar responsável por essas tornas.

Tem o despacho e a citação feita a Braz da Cruz.

Nesta 3.ª Série de Documentos o maior interêsse reside na descrição pormenorizada dos vários andares dos dois prédios, sua repartição por moradores e número de divisões, feita no primeiro dos documentos sumariados e que ainda hoje pode servir para confronto.

\*

Resta-nos sumariar os documentos que fazem parte da 4.ª série de Documentos existentes e formam o tombo actual da propriedade, na posse dos seus actuais donos.

Há aqui certamente uma solução de continuidade, uma lacuna que não temos possibilidade de preencher; mas nem por isso queremos deixar de mencionar tudo quanto encontrámos e tão gentilmente nos foi facultado pelo Ex.º Sr. Luiz Barreiros Lopes e sua esposa.

Trata-se de uma

*Carta de sentença e Formal de Partilhas*, emanado do Juízo de



Direito da 6.<sup>a</sup> Vara da Comarca de Lisboa, passada pelo Escrivão do 2.<sup>o</sup> Officio, Celestino Augusto Nunes, extraída dos Autos de Inventário de Maiores a que se procedeu por falecimento de D. Francisca Maria Pereira e em que foi Inventariante Manuel Elias, viúvo da Inventariada, passada a favor de D. Maria Joaquina Duarte, autorizada por seu marido, José da Costa, da importância de 16.441\$770 Rs. e passada para seu título.

a) *Auto de juramento e declarações*, a fls. 12. 16 de Janeiro de 1895. Perante o Juiz, Dr. José Rodrigues de Azevedo, compareceu o Procurador do Inventariante, Alfredo Anibal de Mendonça Heitor, que prestou juramento e declarou que a Inventariada falecera a 10 de Dezembro de 1894, na casa da sua residência, Largo da Graça, n.º 100, casada com o Inventariante segundo o costume do reino, deixando testamento, no qual instituiu universal herdeira de sua meação a Maria Joaquina Duarte, solteira, com ela moradora, e o usufruto ao Inventariante seu marido.

b) *Testamento*, a fls. 9. Livro 403, fls. 41. 9 de Dezembro de 1894. Tabelião Carlos Augusto Scola. Declara Francisca Maria Pereira ser natural da Freguesia de Enxara do Bispo, concelho de Mafra, nascida no lugar de Vila Franca do Rosário, filha de José Simões, casado com Maria Pereira, já falecidos. Que era casada com Manuel Elias, o qual antigamente se assinava Manuel Esteves. Sem filhos. Institui usufrutuário seu marido e herdeira sua sobrinha Maria Joaquina Duarte, solteira, com ela moradora. Declara ainda desejar que sua sobrinha Felismina Maria, enquanto viver, goze da casa em que habita, sem pagar renda. Nomeia testamenteira sua referida sobrinha Maria Joaquina Duarte. Não sabia ler nem escrever.

Seguem-se o Registo do testamento e o Auto de publicação.

c) *Auto de licitação*. 5 de Abril de 1895.

d) *Pagamento de Contribuição de Registo*.

e) *Sentença*.

f) *Petição de novo formal de partilhas por o primeiro se ter extraviado*.

g) *Despacho*.

h) *Cumprimento*.



Terminam aqui os documentos que compulsámos. Das últimas pessoas neles indicadas terá passado êste histórico imóvel aos seus actuais proprietários, que o conservam intacto, muito respeitando a tradição de nele ter nascido o grande português e grande lisboeta, que foi o Beato João de Brito.

Também o facto de no prédio, na sua fachada norte, estar incrustado o «Passo» da Via Sacra é para estas pessoas motivo do maior cuidado, tendo sabido resistir a tôdas as artimanhas tentadas depois de 1910 para que êsse, aliás exíguo, recôncavo da muralha fôsse alugado para uma venda de vinho com ramo de louro à porta. Honra lhes seja.

Levar-nos-ia longe a busca doutros inquilinos que terão povoado àquelas casas. Sabemos contudo que durante muitos anos, no andar nobre, esteve instalado o Centro Republicano Rodrigues de Freitas, e, por essa razão, o Largo do Menino Deus passou em certa altura a usar a denominação daquele caudilho.

Quanto ao seu interior, que por mais de uma vez temos visitado, merece-nos especial interêsse o pátio interior por onde um primeiro lanço de escadas, ora desaparecido, devia dar acesso às sobre-lojas e continuação aos lanços seguintes, devendo, pois, ser moderna a abertura da escada que dá para a Rua. Em uma das cozinhas do segundo andar, na chaminé, ao fundo, uma grande pedra dá a impressão de existir ali um forno; os moradores da quadra, porém, vão transmitindo uns aos outros (e não sabemos desde quando) que aquilo é entrada de uma comunicação para o Castelo de S. Jorge.

Não sabemos se assim será; porém, o que parece averiguado é que por cima do demolido Arco de Santo André, havia uma passagem do velho palácio dos Mendonças para o imóvel de que estamos tratando e o falecido Sr. Conde da Figueira, uma vez que estivemos em sua casa e falámos do assunto, disse-nos que os seus antepassados, senhores daquele palácio, eram os Claveiros do Castelo de S. Jorge, pelo que se serviam daquele caminho, através do Arco e do prédio em que nasceu o Beato João de Brito, para fazerem passagem para o Castelo.

*(Continua no número seguinte)*



# Os petiscos de Lisboa e o Carnaval

CONFERÊNCIA REALIZADA NA SEDE DO GRUPO AMIGOS DE LISBOA,  
EM 20 DE FEVEREIRO DE 1941,

POR EDUARDO FERNANDES (ESCULÁPIO)

(Continuação)

ras; a casa do *António das Caldeiradas*, ou *António da Barbuda*, em Belém, sob os arcos do prédio onde se figuravam as aldeias, na Exposição, e onde o antigo marítimo, com as suas enormes suissas negras, armado de uma colher de pau e de um tacho de cabeça, confeccionava as mais exquisitas *caldeiradas* ou *bouilhabaisses* rivais das de Marseilha, que tanto deliciaram o célebre tenor Gaiarre e outros cantores de S. Carlos, ali levados pelo Rafael Bordalo, por Júlio Cesar Machado e outros artistas e escritores do tempo; a casa das *Marianas*, à Escola do Exército, onde, no intervalo das aulas, ia munir-se do almôço o Paulino, um preto que era alferes aluno e foi demitido do exército pela sua vida desregrada, acabando em escrevente do tabelião Cornélio, com cartório no Rossio, junto à *loja do Povo*; a casa de uma velha, na rua da Inveja, onde os alunos da mesma escola cejavam, por três vintens, um quarto de pão, dois pasteis de bacalhau e dois decilitros, *menu* que era aumentado ao domingo e custava um tostão. Esta velha tinha um filho, que os estudantes tomaram à sua conta, porporcionando-lhe os meios e



dando-lhe lições e explicações para fazer o curso dos liceus, depois do que se formou em direito.

Outras casas, que a série é interminável: a *tia Iria*, a Campo de Ourique, na antiga rua de S. Luiz, onde se jantava admiravelmente e sempre em boa companhia de artistas e literatos; a casa dos *bifes à cortador*, um talho na rua das Pretas onde, por quatro vintens, forneciam um bife que se não podia tratar por tu; o *Zé Gordo*, de S. Sebastião da Pedreira; o *Constante* e o *Baldanza*, *casas de galegos* nas imediações do govêrno civil, onde eram de apetite, como nas casas congêneres, a dobrada com vidrilhos, a fressura de porco, a *meia unha*, já citada, e os pivetes, feitos das últimas vertebrae do rabo do boi, de que se faz também a preciosa sopa; as lulas e os chocos, grelhados ou de caldeirada, sem o negro que os faz confeccionar à espanhola com o nome de *calamares en su tinta*; um restaurante boémio ornamentado por vários artistas que o filho do *Faustino* teve por uns meses num terceiro andar da rua Serpa Pinto; o *Club dos Excentricos*, casa que, na actual rua da Misericórdia, ocupava o prédio onde esteve a redacção do *Mundo* e hoje está a do *Diário da Manhã*, gerida pelo Simplício, dos carros da carreira de Mafra, e pelo antigo *repórter* e chefe da policia secreta Albino Sarmento, casa que fez época, com a sua enorme concorrência de boémios e boémias e com as suas ceias até altas horas, tendo sido o primeiro *cabaret* que se fundou em Lisboa; o *carpinteiro da travessa do Forno*, onde se comiam as belas sardinhas assadas, muito frequentado por Fialho de Almeida, D. João da Câmara, o *Pinturinhas* e outros.

— Quem é aqui o senhor D. João da Câmara? Preguntou de uma vez certo policia ao grupo citado, ao autoar um dêles por uma transgressão e ao dizer-lhe outro que não procedesse, porque estava ali o senhor D. João da Câmara e poderia *ser-lhe bom*.

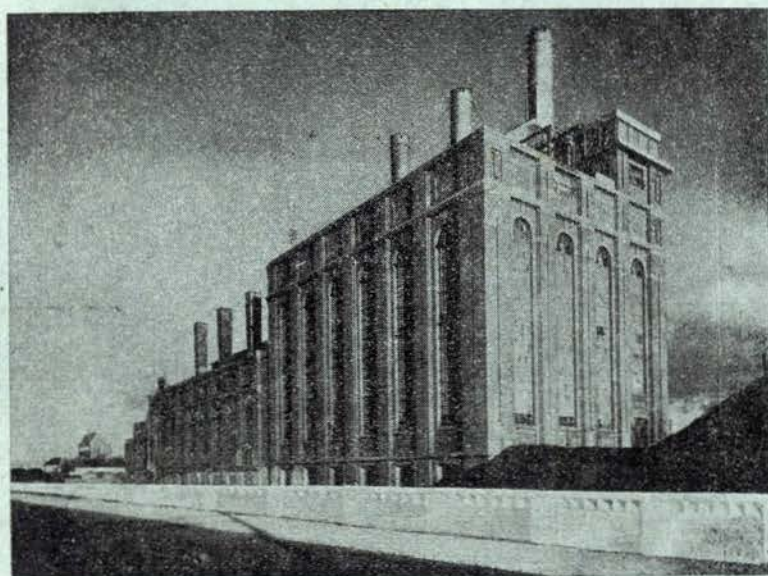
— Somos nós todos! Respondeu o *Pinturinhas*, que fôra o transgressor. E o caso acabou à gargalhada.

A propósito, contarei que êste *Pinturinhas*, o saudoso Figueiredo, tinha muita graça, referindo-se dêle entre outras, uma anedota que não me canso de citar.

O *Pinturinhas*, quando os seus fatos estavam coçados, mandava-os virar, como todos os pelintras, mas, quando, depois de virados, ainda mais coçados estavam, mandava-os voltar à primeira forma. De



# Companhias Reünidas Gás e Electricidade



1891

1941

## 50 anos de progresso

*Durante este período de meio século nunca a população da Capital deixou de beneficiar das comodidades que puderam assegurar-lhe os aperfeiçoamentos da técnica, nestes dois importantes ramos da ciência e da engenharia, graças à evolução constante operada nas suas instalações*



*Segure na*

# **Portugal Brevidente**

*que segura bem*

CAPI TAL E RESERVAS:

**Esc. 10.136.754\$49**

*Lisboa*

*Rua do Alecrim, 10*

TELEFONES { 2 4040 Administração  
2 4049 Expediente

## **Vassouraria da Esperança**

DE

**Bernardino Silva Solnado**

Fabrico especial em escôvas de palheta de aço e escôvões de piassaba para estradas — Fornecimentos completos em escôvas de todas as qualidades — INDÚSTRIA NACIONAL

TELEFONE 6 2627

Avenida Presidente Wilson, 98 LISBOA

# CARLOS FARINHA

Lãs penteadas e desperdícios de Lã

30, R. DOS  
SAPATEIROS  
LISBOA

# **HANS DUERHOLT**

AGENTE COMISSÁRIO DE FIRMAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Calculadores «MULTIPAN»

Máquinas de somar e subtrair «PRODUX»

VIDROS INQUEBRÁVEIS PARA USO DOMÉSTICO  
REPRESENTAÇÕES E COMISSÕES

R. da Madalena, 119, 1.º, Direito

Telefone 2 1006

Telegramas: DUFON-Lisboa



uma vez, apareceu no alfaiate com um sobretudo que já tinha ido duas vezes à *Outra Banda*, pelo que o *sastre* depois de o examinar, exclamou:

— Ó senhor Figueiredo, olhe que isto já foi virado duas vezes e eu, agora, não posso . . .

— É que eu vinha cá, ó mestre, interrompeu o *Pinturinhas*, a ver se você m'o punha assim . . . — (*as duas mãos num só plano, palma contra costas, enfiando o olhar*).

Continuando na enumeração das casas de comidas: temos ainda a *Adega do Maleiro*, à Calçada do Sacramento, que ainda hoje existe, e a *Adega do Estucador*, na Calçada do Combro, junto ao Quartel dos Paulistas, em frente à travessa da Condessa do Rio; o *Quintalinho* à Cruz do Tabuado; a *Flor da Praça*, em frente ao mercado da Praça da Figueira, antiga taberna de peixe frito, que em tempos emparelhava com as das rúas dos Canos, frequentadas por mulheres do bairro e *rufias*; o *Campainhas*, à Rua Fernandes da Fonseca, de que já falei; a *Casa de Pasto do Intendente*; a *Adega do Ribatejo*, também denominada *Caldo Verde*, que atravessa do beco do Fôrno para a rua do Jardim do Regedor; a *Provinciana*, no mesmo beco, sucessora do *Carpinteiro*; o *Bom-jardim*, na travessa de Santo Antão, onde fazem agora as refeições a cinco escudos e vendem os *miomas*, as *bifanas*, ou *bifes entalados*, os passarinhos fritos e outras gulodices; a *Casa do João Borges*, no Parque Mayer, pertença do antigo avançado que se celebrou na propaganda da República; o *Restaurant Internacional*, a *casa Cadete* e a *Adega do Barbaças*, na travessa da Palha; outro *Restaurant Internacional* e o *Café Central*, ao fundo da Calçada do Carmo; os *Cesteiros*, na travessa da Palha, no largo do Regedor e em frente da praça, onde vendem petisquinhos *para fazer boca* ao vinho verde e maduro, por entre armações de cestos de vindima e pipas; o *Marinho*, antiga casa de comidas na travessa da Palha; a *Adega dos Periquitos*, ao Desterro; o *Vilarinho*; o *Gambrinus* e a *Casa dos Capilés*, na rua Eugénio dos Santos; a *Cabeça de Toiro*, na rua da Palma, hoje na rua dos Douradores, com uma cabeça negra de cornupeto ao fundo, embalsamado; o *Ano Novo*; a *Estrêla* e a *Central da Mouraria* à Mouraria; a *Casa Farinha* e a *Primavera do Bemformoso*, onde, como em geral nas casas mais populares e barateiras, vendem *metades de meias doses*, a preços convenientes para os comensais que vão sósinhos, comendo na última mui-



tos refugiados estrangeiros; a *Adega dos Presuntos*, no beco da Barbalada, onde se fizeram grandes patuscadas com gente de teatro, em uma das quais até o falecido escritor Baptista Diniz, revestido de hábitos talares, prégou um sermão que ficou memorável; a *casa de pasto da Rua da Palma*, em frente do Apolo, onde hoje está um depósito de tabacos; a *Flôr do Socorro*; o grande *restaurant* e casas de comidas da Estefânia; as casas de pasto dos sítios de Sapadores e do Castelo; o *azeiteiro da travessa da Queimada*, esquina da rua da Atalaia, onde esteve a redacção do *Diário*; o *Gibraltar*, no Caes do Sodré; a *Adega dos Antónios*, na rua dos Douradores, onde, ainda há pouco, um tipo entrou, comeu e não pagou pela razão de se chamar António; a *Nossa Terra*; a *Cervejaria Paris*; a *Colombo*; a *Estrêla*; o *Café Peninsular*; o *Café Amazonas*; a *Adega do Dão* e a *Adega Progresso*, no Arco Bandeira; a *Rosa de Maio*, ao Pote das Almas, em frente à Boa Hora, onde vão almoçar os advogados; a *Flor da Primavera* e o *Restaurant União* na rua do Crucifixo; o *Morgado dos Leitões* em frente ao Grandela; a *Casa de pasto O Galo*, que havia a S. Julião; a *empresa de jantares do Franco*, que esteve uns anos na rua Ivens onde eu gastei em jantares, que custavam cinco tostões, os primeiros 15.000 reis que ganhei; a *Favorita* e o *Freddys*, restaurante viennense, com petiscos feitos por um húngaro, o violinista Trincher, no Parque Mayer, além de outras casas mais somenos; a *Tijuca*, na travessa da Glória; a *Cervejaria Alemã*, na rua do Alecrim, sucessora do *Chat-Noir*, casa francesa onde se fizeram grandes pândegas com mulheres; o *Jansen*, cervejaria entre as ruas do Alecrim e Paiva de Andrade, junto à conhecida fábrica de cerveja, onde faziam uns primorosos bifés e instalaram depois o *Retiro da Severa*, rival do *Solar da Alegria* e do *Café Luso*, tão conhecidos dos cantadores e amadores do fado; a *Tia Leonarda*, antiga casa de petiscos da velha rua do Carvalho, hoje de Luz Soriano, esquina da travessa das Mercês, casa instituída por uma provinciana de boas formas e simpático aspecto que atraiu à locanda escolhida freguesia de artistas e literatos e onde o caricaturista Bordalo Pinheiro, com vários redactores do *Século* e de outros jornais, tiveram noites inolvidáveis; o *Restaurant Familiar*, ou dos *Rapazes*, que são hoje uns velhos, *casa de galegos* da rua da Trindade, fundada pelos dois criados do *Café dos Anarquistas*, que ainda hoje vende petiscos em conta e trata



bem a freguesia, instalado nos abandonados claustros do convento da Trindade; a sucursal da *Palmeira*, conhecida casa de comidas do Pôrto, que se instalou, com os seus vinhos verdes e petiscos portuenses, na rua do Crucifixo.

Tôdas estas casas fôram sucedâneas do *Mal Cosinhado*, de antigos séculos, e do *Talaveiras*, do século XVIII, velhos *chanfaneiros de Lisboa*, quando se chamava *chanfana* à fressura de porco, e Bocage dizia num soneto :

Se eu pudesse ir de tralha, ir à surdina  
 Por aí! Forte sêde e forte gana  
 De zurrapa, de atum, de ti, chanfana,  
 De ti que dos pingões és gulosina!

Que tempo em que eu, com súcia, ou grossa ou fina,  
 Para a tia Anastácia, a tal cigana,  
 Ia e vinha depois co'a trabuzana  
 A remos, no mar rôxo, ou à bolina!

*Ir de tralha*, explica Bocage numa nota, é andar de capote em dialecto marujal. A Anastácia, cigana, segundo uma outra nota do mesmo, era uma semi-taberneira da rua dos Algibebes, afável nos negócios, a quem o poeta invejava as postas de pescada, mais do que o carácter e a graduação.

Vieram depois casas de pasto já desaparecidas: o *Penim*, que teve larga fama; o *José Romão*; o *José das Aranhas*, ao Cais do Tojo; o *Pinto Cambalhota*; a *Pomba de Oiro* e o *José Manuel*, à Horta Sêca; a *Tia Rosa*, que eu já não conheci, bem como o *Ferreira*, da mesma Horta Sêca, onde faziam deliciosamente cabeça com feijão.

Contraopondo às casas que citei, teve e tem Lisboa, além de *cabarets* vários que todos conhecem, e levaria muito tempo ainda a citar, famosos restaurantes e cafés, como o *Suisso*, o *Leão de Oiro*, o *Martinho da Neve*, ou o *Martinho da Arcada*, no Terreiro do Paço, e o *Martinho do Largo de D. João da Câmara*, o *Aurea*, o *Café Chiado*, as duas *Brasileiras*, do Rossio e do Chiado, o *Nicola* e o *Chave de Oiro*; os cafés *Portugal*, *Madrid*, *Aviz*, *Primeiro de Dezembro*; o *Ne-*



*gresco*, o *Palladium*, a *Abadia*, a *Chic*, o *Leão Triste*, o *Marrare* e o *Montanha*, onde faziam belos bifés afogados em leite; o *Salão de Chá*, na rua do Ouro, num primeiro andar à esquina de Santa Justa; *A Central*, *restaurant chic* da mesma rua, sucessora da confeitaria Fernandes; o *Restaurant Rosa Araujo*, sucessor da grande confeitaria da rua de S. Nicolau, do grande e obeso presidente da Câmara, que iniciou as obras da Avenida; a *Padaria Inglesa*, ao Conde Barão e depois a S. Julião, onde se vende pelo Natal o «Plum Puding»; o *Restaurant Portugal* e outro *Café Madrid*, na rua Paiva de Andrade, que já acabou; o *Benard*, no Chiado; o *Ferrari*, na rua do Almada; o *Baltresqui*, na rua de El-Rei; a *Charcuterie* da rua Nova do Carmo e outras onde vendem as *galantines*, os *boudins*, a *lange á l'écarlate* e outros piteus de origem francesa; várias casas alemãs, onde vendem, como na da rua do Oiro, enchidos e especialidades germanicas; o antigo *Restaurant do Augusto*, na antiga travessa do Secretário da Guerra, frente ao Ginásio onde pontificava a Maria Juliana, celebrada boémia; o *Restaurant Silva*, num primeiro andar da rua Serpa Pinto, perto do Casino onde se fizeram as célebres conferências, que há pouco desapareceu; o *Café da Trindade*, nos baixos do teatro, onde está a Companhia dos Telefones, notável pelas ceias, que se davam por ocasião dos bailes de máscaras, onde tanto nome deixaram a *Conceição Fadista*, a *Jacinta*, cantadeira de fado, que morreu em Coimbra; o *Melo da Gaitinha* ou o *Melo da má língua*, oficial superior reformado do Ministério da Instrução, hoje de propecta idade e socegado, mas, nos seus tempos, de se lhe tirar o chapéu; o *Augusto Pouca Roupa*, bombeiro voluntário que vivia com uma francesa que morava em frente do Ginásio, por cima do *Santarenno*, mestre sala dos bailes e famoso *pauliteiro*, rival nas silabadas e asneiras do cavaleiro tauromáquico José Bento de Araújo; os valsistas John, velho corista da Trindade, que morreu há pouco; o *Britinho*, hoje retirado, e o *Augusto Cordeiro*, informador de jornais e pai da actriz Georgina Cordeiro; o *Sena*, actor e empregado da Biblioteca Nacional, velho valsista; além da Berrinche, da Milagros, da Catalina, da Encarnacion e de outras espanholas da vida airada, que deram que falar.

Citarei ainda o *Tavares Rico* e o *Tavares Pobre*, do simpático Manuel Caldeira, desaparecidos e leiloados há pouco, cuja história está já feita por *Tinop*; o *Aquário* e a *Clementina*, ao Jardim do Regedor;



a *Pastelaria Marques*, no Chiado; o *Rendez-vous des Gourmets*, que esteve na rua do Oiro; a *Garrett*, no largo das Duas Igrejas, onde hoje está uma sucursal do *Notícias*, e o *Imperial*, que esteve na rua do Príncipe.

A propósito do *Tavares Rico*, quero-lhes citar um caso. Há muitos anos, o rei D. Carlos foi de visita a Évora com numerosa comitiva da qual eu fazia parte como *repórter* do *Século*. Fômo-nos hospedar para a vivenda do millionário Baraona, onde ofereceram ao rei uma caçada, durante a qual foram abatidos uns vinte veados que o monarca generosamente ofereceu à comitiva.

Coube-me um dos bichos e calculem o meu desapontamento quando, chegado a Lisboa, fui intimado a retirá-lo do vapor. Se chamasse uma carroça e o levasse para casa, a família exautorava-me, pelo que decidi ir ter ao *Tavares Rico* com o Manuel Caldeira.

Em resumo: almocei e jantei, durante uma semana, à barba longa, no *Tavares* e a carne de veado foi, durante oito dias, um *petisco de Lisboa*.

E agora, não lhes cito mais casos, remetendo os mais curiosos dêste meu auditório para os livros do saudoso *Tinop*, que tão bem fez a história dos cafés de Lisboa, dêside o *Café do Grego*, do Caes do Sodré, a que sucederam o *Londres*, o *Royal*, o *Briths Bar* e outros, até ao *Botequim das Parras*, dos tempos de Bocage, ao *Botequim do Gonzaga*, no Rossio, onde está o *Gêlo*, e ao *Botequim do Marcos Filipe*, ao Pelourinho, citados por Luiz Augusto Palmeirim, e para o recente livro *Volúpia*, do talentoso publicista e meu presado amigo Albino Forjaz de Sampaio, que se ocupa do assunto.

A êste livro vou buscar ainda alguns pormenores sôbre as feiras de Lisboa, que começavam antigamente pela das Amoreiras, tanto da minha mocidade, e seguiam com a feira de Alcântara e de Belem, para acabarem na feira do Campo Grande, tendo socumbido depois que a feira foi para a Rotunda, inaugurada com a popular *feira de Agôsto*, de saudosa memória, que se estabeleceu ali ao comemorar-se o centenário da Descoberta da Índia.

Não vou descrevê-las, porque seria prolixo nesta ocasião e quási dão assunto para outra palestra, mas referir-me-ei aos petiscos ali confectionados, como já disse, pelos célebres barraqueiros *Pincha*, pelo



*Carapetino*, pelo *Machadinho* e pela *Maria Botas*, a companheira do *António Wenceslau* que perdeu a sua reputação ao descobrirem que vendia gato por coelho.

O *Pincha* era sogro do *Araujo Pécoré*, que foi depois empresário da barraca da rua dos Condes, que sucedeu ao velho teatro, onde se representaram o *Microbio*, a *Sombra do Rei* e o *Duque de Visela*, peças de Jacobety, enriquecendo o empresário, que fundou na rua da Palma, um guarda-roupa, o qual foi depois pertença do *costumier* Castelo Branco, seu empregado, já falecido.

No calão das feiras, um bife era um *apoquentado*; a galinha, *uma penosa*; o coelho com feijão carrapato, *pulinhos com tirantes*; costeletas, *mariquinhas*; chispe com hortaliça, *rachado com ervas*; lulas, *provocadoras*; pescadinhas, *arrelampadas*; peixe espada, *chanfalho*; linguado, *espalmado*; sardinhas, *fraldiqueiras*; carapaus, *pencados*; alface, *pinoia*; pimentos, *pimpões*; azeitonas, *caganitas*; pepino, *S. Gregorio*; mexilhão, *cabidela marítima*; ameijoas, *lambisgoias*; bananas, *sobremesa de macacos*; palitos, *sobremesa de cacête*; uma garrafa de vinho e copos, *uma viuva e filhos*; um litro de vinho, *um caiado*; um pão, *um susto*.

Mas havia nas feiras outros petiscos, como as queijadas e as cavacas, as nozes na feira do Campo Grande, e, sobretudo, as *farturas*, embrêchados de farinha com assúcar, acompanhados de um vinho especial, nas barracas próprias, que mais não são do que os *churros* ou *buñuelos* que fregem todas as manhãs, para o primeiro almôço, nas terras espanholas, nas praças públicas, distinguindo-se na sua confecção os ciganos da feira de Sevilha.

A farinha, devidamente amassada, é expelida sobre uma negra e larga frigideira com azeite, por um aparelho especial de fôlha que o cosinheiro oprime junto ao peito, fazendo sair pelo bico como que um enorme reptil que, muito amarelo, na frigideira se enrosca.

Referir-me-ei, agora, às modernas casas de mariscos que se abriram na cidade, em S. Domingos, no Jardim do Regedor, na rua Eugénio dos Santos e outros pontos, sucessoras da vendedeira que andava pelas hortas, com uma celha de fôlha, a apregoar: — Vá lá Camarões! onde, com cerveja e vinho, vendem as santolas, as lagostas, os camarões, os pecebes, os búbios, as ostras, e outras especialidades, a peso, mas sem



as balanças especiais e pequenas de que usava a vendedeira, à compita com a venda do salmão e da lampreia do Minho, que, com os ananazes, agora em crise por causa da guerra, se apresentam à cubiça dos *gourmands* nas lojas e nos armazéns de víveres dos sítios mais concorridos. Em S. Pedro de Alcântara, na casa onde estive o *restaurant* de que atrás falámos, abriu recentemente um *bar* modelo, propriedade da fruteira e vendedeira de mariscos e primores da rua Eugénio dos Santos.

É tempo de lhes falar de outra modalidade que houve em Lisboa para comer à tripa fôrra e saborear bons petiscos, entre os quais avultava o rico peixe frito, carapaus, peixe espada, linguado e outros, acompanhados de bom vinho do Termo ou do Cartaxo, com a competente salada de alface, que se ia buscar, fresquinha, à beira do pôço, onde escorria, e que se temperava com bom azeite e vinagre, pimpinela, cuentros e outros cheiros.

Lembro-me da quadra que se cantava numa paródia minha, o *José João*, e que se tornou popular :

O vinho fóra de portas  
Tem um sabor exquisito,  
Sabe a galinha, nas hortas,  
A posta de peixe frito.

Para se ir às hortas, metia-se a gente num carrão ou *char-à-bancs* que, às tardes, se postava em S. Domingos, junto às grades, com a sua imperial de bancos em anfiteatro, por cima do veículo, três mueres derancadas que a puxavam, cocheiro e condutor de grandes melenas.

Pagava-se um pataco pelo transporte até à estrada de Sacavém, onde os principais retiros eram a *Perna de Pau* e o *Zé dos Pacatos*, o primeiro onde trabalhavam de cosinheira a tia Gertrudes e a gorda Basalisa, que teve, mais tarde, um retiro com o seu nome e acabou em costureira do Teatro do Príncipe Real, e o segundo, onde havia um criado galego, baixo, pançudo, nariz arrebitado, tipo de gnomo, conhecido pelo *Bitoque*, que acabou em criado da *Floresta*.

O *Bitoque*, que era popularíssimo, tinha imensa graça e descompunha os fregueses. Se lhe pediam qualquer vianda que demorava, respondia imediatamente :



— Espere! Vá você buscá-la! Eu não sou seu criado, sou criado do patrão!

Uma tarde, fui jantar ao *Zé dos Pacatos* com Fialho de Almeida, grande amador dos petiscos das hortas, e D. João da Câmara, que, a convite nosso, ia fazer a sua iniciação. Veiu a sopa, trazida pelo *Bitoque*, cuja biografia contámos ao grande dramaturgo, e êste, metendo a colher à bôca e queimando-se, gritou:

— Ó *Bitoque!* olha que esta sopa está quente!

O gnomo aproximou-se do prato de D. João da Câmara, meteu-lhe dentro o rechonchudo *fura-bolos*, levou-o à bôca e chupou, declarando logo, com um enorme descaramento:

— Não acho!

Foram canas e canetas para o mímoso poeta não lhe partir a cara, custando a convencê-lo de que todos davam ao *Bitoque* a maior liberdade.

O galego apressou-se em trazer nova sopa e tais artes teve de se insinuar no ânimo de D. João da Câmara, que êste, quando ia ao *Zé dos Pacatos*, não queria outro servo.

O *Zé das Hortas* ou freqüentador dos retiros campestres, era, no meu tempo de rapaz, um tipo especial, calça estreitinha e afeiçoada à perna, chapéu de côco de aba direita e bengala de muleta angular de ôsso ou de marfim.

Nas hortas, eram sempre certos os actores, com as suas grandes trunfas e casacos originais, e os cantadores de fado como o Manuel Serrano, o irmão do popular José Augusto; o Roldão e outros e outras, cujo nome não cito para não me desviar do meu tema.

Nas hortas, havia sempre cães famintos, pedintes, hortelões e cavadores, e o indispensável cego da guitarra, acompanhado pela mulher da viola e outros músicos, que entoavam canções de guitarredo fácil e dedilhavam e esganiçavam o fado com um estilo especial e inconfundível, indo de mesa para mesa, onde o peixe fumegava e os canjirões do roxo ferviam.

De quando em quando, a sua desordem, que as patrulhas da Municipal acalmavam, com a indispensável *comida de urso*, também petisco lisboeta, e a retirada ao lusco fusco, todos mais ou menos *etilisados*, como se diz à moderna, os rapazes cavalgando enormes canas e as mulheres cantando e transportando os farneis e os maridos.



Nos arrabaldes de Lisboa, pelo Arieiro, Campo Grande, Campolide, Xabregas e muitos outros sítios, eram inúmeros os retiros campestres, onde se comia, bebia, cantava e jogava o chinquillo em mangas de camisa.

Desapareceram já quasi todos, uns porque a urbanização da cidade os sacrificou, outros porque passou de moda *ir ás hortas*, o cego da guitarra eclipsou-se por ordem das autoridades e foi-se o ambiente *alfacinha* daquelas diversões.

Só na estrada de Sacavém, além dos que citámos, havia o *Papagaio*, a *Quinta da Assunção*, o *Gungunhana*, o *Retiro da Montanha*, a *Fonte do Louro*, o *Camba*, o *Cabaços* e o *Coimbra*, todos em quintarolas onde se ouvia o chiar da nora e se podia, antes ou depois da refeição, ir dar um salutar passeio pelos rêgos das couves e outras hortaliças, ou vêr o boisinho que fazia andar os alcatruzes e visitar os estábulos e as barracas dos trabalhadores.

Havia, ainda, o *José dos Caracois*, no Arieiro; o *Faustino* e o *Guerra*, em Cabo Ruivo, donde se viam passar, lá em baixo, os *tramways* de Vila Franca e se comia um delicioso *pudim* fabricado pelas recolhidas de Chelas; o *Ferro de Engomar*, na estrada de Bemfica, bem como o *Bacalhau*, o *Charquinho*, que foi do *Paco*, da rua das Gaveas; as *Pedralvas*; o *Caliça*, todos em azinhagas próximas; o *Perú*; o *Quintalinho*, as *Córtes*, a Santa Marta; a *Horta das Tripas* e a *Horta Navia*, aquela na Estefânia e esta em Alcântara; o *Manuel dos Passarinhos* e o *Retiro do Poço dos Mouros*, hoje substituídos pela rua Morais Soares, que se abriu na direcção da azinhaga que levava ao cemitério, onde aquele se pavoneava com o conhecido letreiro: *Na volta cá os espero*; a *Quinta das Varandas* e outros retiros a Xabregas; as casas do Campo Grande e da Calçada de Carriche, que já citei e que se prolongavam com as do Senhor Roubado e de Odívelas, terra dos *esquecidos* e da marmelada, hoje representados pela *Tia Joaquina*, locanda que se abre à direita do caminho de Loures, numa casa saloia, havendo em Loures também várias casas de vinhos e petiscos; os restaurantes afamados de Algés e do Dafundo; as tabernas do Ginjal, onde se petiscam excelentes caldeiradas, à beira do Tejo; o *Joaquim dos Melões*, *Joaquina dos Caniços* e outros na Cova da Piedade e em Almada; o *Arte Nova* em Palhavã; o *Sossêgo*, na Buraca; o antigo



*Retiro da Torrinha*, na Rotunda; o da *Rabicha*, em Campolide, junto aos arcos das Águas Livres; o *Pedro dos Coelhos*, na velha Porcalhota, onde guisavam um coelho enquanto o diabo esfregava um olho.

Em quarta feira de Cinzas, as hortas abarrotavam. Os actores e a gente de teatro eram os seus principais frequentadores. E por isso se chamava a essa reunião extraordinária e animadíssima *O Carnaval dos actores*.

E ainda aqui estaria por largo tempo a citar locandas que desapareceram. Quero, se não se aborrecerem, pregar-lhes uma pançada de petiscos para que comam à *labordaça* e possam agora, satisfeito o apetite, transitar para as bebidas que também dão prazer ao físico.

Falemos, em primeiro lugar, da *ginginha*, o licor ou infusão de ginjas em boa aguardente, tanto do agrado do portuguezinho, que, ao saboreá-la, lê, estarecido, êste pequeno poema pintado à porta da *ginginha* de Santo Antão:

É mais fácil co'uma mão  
Dez estrêlas arrancar,  
Fazer o sol esfriar  
E reduzir o mundo a grude;  
(êste verso está propositadamente errado  
para acentuar mais o fenómeno)

Mas ginja com tal virtude  
É difficil de encontrar.

27 — Portas de Santo Antão — 27

Ou então:

Em ginga ninguém me engana,  
Sou deveras amador;  
A derrota é de uma cana;  
Por causa de tal licor,  
Rompi êste quarteirão  
Da rua de Santo Antão  
Ao Pateo do Regedor.

(n.º 12)



A primitiva *ginginha*, situada no largo de S. Domingos, no gaveto do quarteirão do Rossio, tem duas meias portas, nas quais, com umas pinturas do actor Alexandre de Azevedo, antigo pintor de tabuletas, estão inscritos os seguintes versos, pelos quais o galego dono da casa me deu, em bons tempos de penúria e quando o dinheiro era dinheiro, a soma de 5.000 reis :

Dona Prudência da Costa,  
Delambida e magrisela,  
Fez de ser tola uma aposta,  
Diz que *ginginha* nem vê-la  
Porque, coitada, não gosta.

E a ama de um reverendo  
Que é das bandas da Barquinha  
Tem um aspecto tremendo,  
Bebe aos litros da *ginginha*  
E é isto que se está vendo.

A pintura representa duas tipas a escorropichar copinhos, vendo-se, na outra meia porta e na mesma atitude, dois tipos, num dos quais o artista me quiz representar, mas com grande infelicidade.

O Mateus é um chóchinha  
Mais feio que um camafeu,  
Magro, tísico, um fuinha,  
Nunca na vida bebeu  
Nem um copo de *ginginha*.

O irmão, que sabe a virtude  
Desta divina ambrozia,  
É gordo como um almude,  
Bebe seis copos por dia,  
Por isso goza saúde.



Muitas casas de venda da *ginginha* há na cidade, mas só uma imitou as primeiras nas tabuletas em verso, juntando o alcool à poesia. É situada na actual rua de Barros Queiroz, não longe das outras, e tem à porta um painel com o seguinte :

Matei tigres e leões,  
Leopardos mais panteras,  
Eu já matei tantas feras  
Que calculo em dez milhões,  
Matei perdizes, faisões,  
O veado, o javali...  
Minha sanha acaba aqui,  
Mato agora por capricho  
Todas as manhãs o bicho  
Com a *ginginha* Rubi.

As casas da *ginginha* foram as sucessoras dos velhos *alambiques*, que muitos havia por Lisboa, um que eu conheci no Largo do Rato, outro na Rua do Principe, antes da construção da estação do Rossio, e, ainda, outro no Loreto, esquina da rua da Emenda, o último a desaparecer.

Eram casas de venda de cafés e bebidas alcoolicas ao balcão, com o licor de amendoa amarga, o licor de rosa, e a *mistura*; o *meio curto*, ou café com aguardente; a *carocha*, ou café com vinho; a *pintada* e outros *mata-bichos*, semelhantes à *cana do Brasil* ou *Paraty*, que se ia beber aos botequins *rascas* da Ribeira Nova.

Era no tempo em que se cantava no final das cantigas de fado :

Torradinhas com manteiga,  
Por cima café limão...

Na travessa de Santa Justa, esquina da Rua da Prata, certo alda-brão manipulava o *cacharolete*, ou conjunto de quantas bebidas havia na loja, em maior ou menor quantidade, segundo o preço, e constituindo uma bebida, antecessora do actual *coctail*, e dos *piratas*, vendidos numa



tabacaria aos Restauradores, que produzia pela garganta abaixo os mais originaes cambiantes do paladar.

A *ginginha* bebe-se em pequenos copos, onde o taberneiro, com o gargalo da garrafa sufocado pela rôlha, deita uma ou duas ginjas, cujos caroços os fregueses veem roendo pela rua fora, depois de saborearem a polpa do fruto.

E passemos da aguardente para o vinho, que é sempre de apurado gôsto e aprazimento dos beberrões nos carvoeiros, não sei porquê, talvez pelas emanações próximas do carvão e das bolas de cisco.

Já fecharam há muito os grandes armazéns de vinhos do *Quintão* e do *Mesquita*, pai do chorado dramaturgo Marcelino Mesquita, do Cartaxo, a S. Domingos, onde hoje está uma oficina de desmancha de porcos e fabricação de enchidos. O primeiro era situado ao Loreto, no prédio que pertence à antiga Associação da Imprensa, onde está hoje um cinema muito freqüentado pela garotada.

Eram vastos casarões, com uma atmosfera especial, onde se acumulavam os piteiros em frente do copo e de uma fila interminável de pipas, numa barulhada infrene e atoadora.

No *Quintão*, que tinha à porta uns colchões, porque o proprietário fôra em tempos colchoeiro, chegava a vender-se uma pipa por dia, aos domingos e dias de festa, fazendo bôca ao vinho os petiscos do Bal, a quem já nos referimos, e as castanhas assadas da Carolina, uma moçolla espadaúda, bonita e desenxovalhada, que abanava, entre portas, o assador e misturava, por vezes, Bacho com Cupido.

De entre as vendas de vinho da capital, tem particular fama a *Tendinha* do Rossio, junto ao Arco de Bandeira, sôbre cuja porta se vê ainda hoje um quadro alusivo ao que foi a locanda em 1840. Na loja guardam-se e estão à vista na montra as enormes chaves do primitivo estabelecimento à mistura com garrafas de vinho daquele tempo. Continua a ser muito freqüentada, bem como a casa do *Zé Diegues*, na Rua Paiva de Andrade, onde se reüniam *os oficiais do copo*, os marialvas e decillitreiros do século passado, e a adega do *Mendonça*, dos vinhos da Arruda, no largo da Guia, hoje de Martim Moniz.

Novas casas vão aparecendo para substituir as antigas, como uma que se abriu no Arco de Bandeira para *distribuição* — é o têrmo que se emprega na tabuleta — dos mais famosos vinhos verdes.



O *pastel de bacalhau*, que é petisco preferido dos amadores da pinga, a que no Pôrto chamam *bolo de bacalhau*, desempenhou sempre um grande papel na vida cidadina. Ainda me lembro de ter sido presidente de um júri num concurso de pasteis de bacalhau que houve no antigo teatro D. Amélia. Tive de comer uns trinta e tantos pasteis para conferir o prémio — já se sabe e segundo o costume, por empenhos — a uma corista das minhas relações.

O *José Maria dos Santos*, o *Val do Rio* e o *Abel Pereira da Fonseca*, grandes produtores e comerciantes de vinho, abriram para a sua venda, muitos estabelecimentos na cidade, rivais do famoso barracão de Campolide e congêneres casas de Alcântara, onde o vendiam a quatro vintens o litro, abarrotando de amadores do roxo sumo.

Chamavam-lhe, então, o *vinho barato*, mal prevendo que se havia ainda de vender o litro a quási dois escudos, com grande desespero dos *rechinchas* e dos *arrenegas*. Não havia ainda as *cosinhas económicas* onde os pobres petiscavam por pouco dinheiro.

Não eram, porém, só o vinho e a aguardente as bebidas preferidas. O chocolate, que se vendia nos chocolateiros, como um que houve no Largo do Carmo; o que funcionava na loja, onde depois abriu o *Tavares Pobre*; e o do comêço da rua do Carvalho, hoje de Luz Soriano, tinha os seus adeptos para o primeiro almôço, por entre o bater do chocolate do operário que estava à porta, a batucar sôbre uma pedra.

E era também vendido pela manhã nos botequins do *Refilão*, da Mouraria; no *Café Bom*, de S. Domingos; no *Contente*, no *Marcial*, da Carreirinha do Socorro; no *café Piolho*, em frente da Politécnica, nos cafés da Rua da Betesga e em outros botequins semelhantes, onde, às noites, tocavam piano e outros instrumentos para atrair os bebedores de café e de bebidas generosas. Tiveram fraca existência os *cafés de camareiras*, como um que houve na rua Ivens, onde Alfredo Tinoco, com o pé de uma mesa, pôs tudo em alvorôto.

O *café quente* que os *pirilampos*, ou vendedores ambulantes dessa bebida, traziam em grandes cafeteiras de folha, com lume nos baixos a aquecer o líquido, tinha muitos fregueses durante a noite e a madrugada, impingindo os vendilhões, clandestinamente, aos notivagos o seu copinho da *rija*.

E lá estava no Campo Grande, às portas, o *café dos Espelhos*,



posto de café muito conhecido dos boémios, similar de outros armados em diversos sítios, como um que esteve largo tempo ao cimo da Calçada da Glória.

O leite, que hoje se vende nas leitarias, era dantes vendido pelas ruas, e mungido das tetas das burras, ou das vacas que os leiteiros conduziam a pé, distribuindo-o largamente por tôda a parte. Ainda há de haver quem se lembre do velho pregão noturno do *i i ú á leite* e daquele saloio que, tangendo as pobres e escanzeladas ruminantes, gritava, cantando:

Ó menina, venha depressa,  
Que o leite esfria cá na travessa!

O *capilé*, ou xarope de avenca, também se vendia em abundância, ou na conhecida casa de Santo Antão, em frente do Coliseu, cheia de avencas no tecto, hoje transformada em botequim, ou nos demolidos quiosques do Camões, e, ainda, pelos vendilhões de água fresca e do *capilé de cavalinho*, chupado pelos rapazes em canudos de folha, sôbre os quais bailarinas, toiros e toireiros giravam.

O *premier marchand d'eau*, velhote vestido de branco, com chapéu de palha, fez época no Rossio, e a *tia Maria*, muito lavadaça e cheia de toalhas brancas, a bilha com os três caniços na rôlha, era indispensável na Avenida. Também eram vulgares os vendedores de limonada, à moda do norte, com os seus barris de cortiça, enramados de hervas.

Dois petiscos há em Lisboa, porém, de remotos tempos, que ainda hoje perduram: a *fava rica* pela manhã e o *mexilhão* à noite.

A primeira vem em panelas de folha à cabeça de aseadas provincianas que cobrem a vasilha com um pano branco, dentro de um enorme cesto retirando a fava ainda fumegante para o prato da freguesa e borrifando-a com uma almotolia de azeite; o segundo vem em dois tachos, um com mexilhão e o outro com o mólho de azeite, alho e rodas de cebola, os tachos também em cestos, e cobertos de panos brancos, pendurados da extremidade de um pau que o vendilhão coloca ao ombro, gritando:

Iérre, iérre, mexilhão  
Com seu dente de *aio*,  
Seu *zaragataio*,



Seu azeite de Santarém,  
Que êle é pouco e sabe bem...

E em outro tom :

Traz o mólho feito à espanhola...

Êste vendilhão noturno é o sucessor da *Marisqueira das Trindades*, dos tempos de Tolentino, e da *preta do mexilhão*, da minha infância, que também vendia *gergelim* e *alcomonia*, espécie de bolos feitos com mel, amendoas e pinhões, rivais da *alféola*, ou canudo de açúcar em ponto, passado na fieira das mãos, que os rapazes chupavam com delícia, lambusando-se todos, a extremidade segura com um papel.

Esta *alféola* era vendida por homens que traziam caixas, com os canudos armados em papeis, a tiracolo, encarregando-se mulheres, especialmente velhas, de vender, pelas ruas ou à porta dos estabelecimentos, os tremoços, as pevides, o amendoim, a fava torradinha, a alfarroba, os figos passados, o torrão de Alicante e outras gulodices. Também era muito procurada a raiz de *alcaçuz*, ou *pau cachucho*, espectante e emoliente, que os rapazes chupavam com delicia.

Uma vendedeira especial apregoava as belas arrufadas, muito fofinhas, que desapareceram, gritando :

Vá lá boas arrufadas !

O rapasio, pelas ruas, fazia-a desesperar, imitando-lhe o pregão :

— Já lá vou bater o fado !

Lisboa delirava sempre com as bresundelas que fazia nas romarias dos arredores : o *Senhor da Serra*, em Belas, com o leitão assado ; a *Senhora da Atalaia*, ao pé do Montijo, com a festança dos círios ; a *feira da Luz*, cêrca de Carnide, onde também havia vários retiros ; a *feira das Mercês*, com o seu *muro do derrete*, as peras assadas e as frituras de carne de porco, à saloia, com muito colorau ; a *feira de Santo*



# Empresa Insulana de Navegação

CARREIRAS REGULARES ENTRE LISBOA, MADEIRA e AÇORES

Escalas datas das saídas dos vapores :

Em 8 de cada mês, para: Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Santa Cruz), S. Jorge (Calheta), Lages do Pico e Faial

Em 23 de cada mês para: Madeira, S. Miguel, Terceira, Graciosa, (Praia), S. Jorge (Velas), Cais do Pico, Faial, Côrvo e Faial (Lages e Santa Cruz)

A escala da Ilha do Côrvo, só se efectua nos meses de Maio, Junho, Julho, Agosto e Outubro, tocando também o vapor naquele pôrto no mês de Fevereiro só para troca de correspondência e serviço de passageiros

Agentes:

## GERMANO SERRÃO ARNAUD

Avenida 24 de Julho, 2, 2.º, D.

LISBOA

Telefone 2 0214

NA MADEIRA

BLANDY BROTHERS & C.º

EM PONTA DELGADA

BENSAUDE & C.ª

## A MARINHA MERCANTE AO SERVIÇO DO IMPÉRIO

nos últimos dez anos a

# COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

mandou construir para o serviço das Colónias cerca de vinte mil toneladas assim discriminadas :

	Quanza, da linha rápida da Africa Oriental . . . . .	6.500 Ton.
	S. Tomé, navio-motor da linha da Africa Ocidental. . . . .	9.100 "
	Inharrime, vapor do serviço de cabotagem de Moçambique	1.665 "
	Tagus, navio-motor do serviço de cabotagem Pôrto-Lisboa	1.600 "
	A C. N. N. dispõe ainda para os serviços de carga e passageiros, das seguintes unidades :	
Serviço regular de carga e passageiros: para a Africa Oriental para a Africa Ocidental para Nova York	Niassa, da linha rápida da Africa Oriental . . . . .	9.000 "
	Angola, da linha rápida da Africa Oriental. . . . .	8.300 "
	Cubango, de serviço de carga da Africa Ocidental. . . . .	8.300 "
	Lourenço Marques, linha rápida da Africa Ocidental. . . . .	6.400 "
	Cabo Verde, do serviço de carga da Africa Ocidental. . . . .	6.200 "
	Congo, de reserva em Lisboa, . . . . .	5.000 "
	Luabo, do serviço costeiro de Moçambique. . . . .	1.385 "
	Chinde, do serviço costeiro de Moçambique. . . . .	1.382 "
Pedir informações à C. N. N.	Save, do serviço costeiro de Moçambique. . . . .	763 "

Sede: R. do Comércio, 85 - LISBOA † Sucursal: R. do Infante D. Henrique, 75-2.º - PORTO



# João de Brito, Lda.

FUNDADA EM 1836  
Rua dos Arameiros, 11

LISBOA

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL E COLÓNIAS  
DAS COMPANHIAS INGLESAS DE SEGUROS

**Scottish Union & National Insurance Co.  
The Motor Union**

*Seguros contra incêndio, seguros industriais e agrícolas,  
seguros marítimos, seguros de guerra, seguros de auto-  
móveis, Responsabilidade Civil, etc.*

Telefones : 2 1327 — 2 1328 — Estado n.º 345

Telegramas **Rito**

## Casa dos Panos

A PRIMEIRA CASA DA ESPECIALIDADE

*Sortimento completo em panos  
brancos e de cor e em linhos  
de todas as larguras*

**45, Rua dos Fangueiros, 49**

(À ESQUINA DA RUA DE S. JULIÃO)



*Amaro*, com as suas enfiadas de pinhões e a gaita de foles dos galegos.

Muitas destas festas perderam já os seus encantos e outras desapareceram ou tendem a desaparecer.

Com respeito a doces — e descansem que não vou enumerar-lhes as confeitarias e pastelarias que tem havido na cidade, desde o célebre pasteleiro da Rua da Rosa — consultem, ainda, o livro de Forjaz de Sampaio, que traz dêles uma longa lista, o que não quero dizer que não lhes lembre o *jasuita*, bolo do feitio do chapéu da seita, muito estimado antes da República; a *brôa do Natal*, a *amendoa*, e o *folar da Páscoa*; o *Bolo Rei*, do princípio do ano; o *Bolo de Noiva*, a *lampreia* e as *trouxas de ovos*, o *bom bocado*, as *rabanadas*, ou *fatias de parida* da noite do Natal, os *rebuçados*, ou *matações*, o *doce de côco*, o *pão de ló*, o *bolo de arroz*, os *coscorões*, os *sonhos* e as *filhós do Entrudo*, o rico *arroz doce* e o *leite de creme*, o *bolo de leite*, os *pastéis de Belém*, a *bola de Berlim*, os *especiones*, os *biscoitos*, as *linguas de gato*, as *barrigui-nhas de freira* e o *toicinho do ceu*, as *orelhas de abade*, os *palitos de Oeiras*, a *bolacha fina* e a *Maria Pia*, que, nos meus tempos de rapaz, se vendiam numa loja às Trinas e em algumas das barracas, que, junto do Lagoia, o cangalheiro, foram demolidas para edificar o Politeama.

Todos estes doces são muito nossos, ou, por outra, muito vossos, porque eu sou diabético e tenho de me contentar com um pão negro que por aí vendem e que é o meu constante petisco. Nem sequer posso regalar-me com um *bolo de trigo*, em forma de ferradura, que as saloias, com os seus burros, por vezes vêm vender à cidade e que hão de ter visto e provado, com certeza. Nem sequer como uma fatia do antigo e saboroso *pão saloto de Maleças!*

As casas de comida que enumerei podia acrescentar os hotéis e pensões — não tenham medo que não vou fazer a sua lista — onde se janta bem e por bom preço. Ricos tempos em que, no Francfort, do Rossio, se jantava por seis tostões, com muitos pratos, vinho, doce, fruta e café!

Pela cidade, abundam, ainda, os vendilhões com coisas boas — sem alusão aos vendedores das farturas que gritam: *Isso é que elas são boas! E que culpa tenho eu de que elas sejam boas?*

É a *pera assada* no forno, quando entra o outono, vendida em c



tos transportados por duas pessoas, homens ou mulheres, com uma lanterna acesa; a *pera de Santo António*, em Junho; as *uvas*, os *melões* e as *melancias cortadas à faca*; os outros mimosos frutos, muitos dos nossos pomares, sem escapar a *romã*, cujos bagos se comem em dia de Reis; *figos de capa rôta*, *quem quer figos, quem quer almoçar?*; as *castanhas assadas no forno*, que os homens da Beira trazem em cestos vindimos a tiracolo, apregoando em bons tempos: *dez reis vinte! Quentes e boas! Elas estão a escaldar!* ou então cosidas, em panelas de folha, no regaço das varinas, que apregoavam: *Quentinhas de erva doce!*

Isto sem falar nas castanhas assadas que se vendem à porta das tabernas, como aperitivo, o assador de barro a fumegar, e nas castanhas piladas que se vendem nas mercearias.

Lembram-se do vendedor de pasteis, que os trazia de braçado numa condessa forrada de oleado, e gritava: *vá lá pastelinhos?* Contava-se que, por 10 reis, preço de cada pastel, deixava aos rapazes lamber os que estavam por cima.

E o *queijo saloio?* E a *amora da horta?* que os garotos vendiam em cabazes muito lambuzados de roxo, com um garfo de três dentes? E o *burrié cosido*, o marisco saboroso de que se faz uma rica salada com alho, pimenta e mólho de vilão?

E, entre os petiscos *puxavantes* à morraça, os rissoes, os pasteis de folhado e de massa tenra, os *pregos*, ou pequenos bifes dentro de um *papo sêco*, com presunto; o ovo cosido e machucado em sal e pimenta; os passarinhos fritos, rivais dos aperitivos com que dantes se bebiam os *penachos*, vasos esguios de vinho branco, numa adega subterrânea do Chiado; o *Champagne Saloio*, feito com vinho branco, assúcar e soda; o *vinho do Alto Douro*, em uma tenda da rua do Príncipe; o Pôrto, na loja da Vinícola, aos Restauradores; o *abafado* e o *moscatel* nas tabernas; o Carcavelos e o Madeira nas confeitarias.

E que bem me sabiam, nos meus tempos de estudante, os pãesinhos com chouriço que o *Oportuno*, antigo oficial de ourives, que depois deu em droga e passava as noites nas Duas Igrejas, sucessor do *Mangerico*, envolvido em missões suspeitas, vendia no liceu!

Já notaram uma coisa, as pessoas que são viajadas? Nos restaurantes de Paris tudo o que leva pimentos é à espanhola e tudo o que



leva tomates é a portuguesa. Talvez por essa razão, dantes, no Entrudo, quem ia cear ao *Barracão*, da Rua da Trindade, tinha de comer tudo com molho de tomate.

Ainda lhes quero falar da açorda, que essa é verdadeiramente um petisco de Lisboa, a boa açorda de alho, fervida, à portuguesa, petisco que há anos não provo por causa da dieta. E as sardinhas, sardas e carapaus de conserva e as ostras que, com o *sobriquet* de *portugaises*, tão abundantes são em França, escasseando entre nós! E a carne de cavalo e de baleia que, em tempos, esteve à venda em Lisboa e de que tanta gente gostava, tendo-se actualizado a primeira!

Mais uma coisa a recordar tempos idos, para os que frequentam agora a cervejaria da Trindade e a *Portugália*: a cerveja fermentada, que vinha numa botija de barro refractário, cuja rôlha rebentava com grande estrépito, o que fez dizer ao saloio, ao levar o copo à boca, carregando com a sinistra na moleirinha:

— Bem! Seja o que Deus quiser!

E, agora, para a socega, depois de se ter saboreado uma castanha do Maranhão ou uma roda de banana, com bom queijo, vá lá um café num estabelecimento *chic*, contraste dos velhos botequins da cidade, tão modestos e tão populares.

Há, porém, que pedir o café numa gíria especial, ou seja um *carroca*, ou um *garoto*, ou um *galão*, ou um *abatanado*, ou um *pingado*, ou um *negus*, ou uma *mosca*, para meter também aguardente.

O café vende-se modernamente, moido e pronto, em estabelecimentos próprios, como a *Mariasinha*, a *Moreninha*, o *Moinho de Ouro*, ou a *Africanista*.

De um dêles há-de ter vindo certamente aqueles que vocelências vão ingerir depois da palestra ou ceia que eu, com esta minha pantagruélica paçada, tão demorada e meudamente lhes impingi, para um dos quais — há-de haver Mecenas no auditório — desde já me convido.

Não me obriguem a ter de ir toma-lo a casa do *Esculápio*.

Minhas senhoras e meus senhores, muito bom apetite.

Lisboa, 16 de Fevereiro de 1941.



... Lisboa é a portuguesa. Talvez por esta razão, talvez no fim  
... para os seus habitantes, de fora de Lisboa, há de haver  
... Lisboa é a portuguesa. Talvez por esta razão, talvez no fim  
... para os seus habitantes, de fora de Lisboa, há de haver

# LISBOA

## VISTA PELOS ESTRANGEIROS

LISBOA EM 1700

NO dia 17 [de Maio] partiram<sup>(1)</sup> muito cedo, para chegarem a Lisboa nesse dia; e andando oito léguas, entraram em Aldéa Gallega.

O percurso é muito agradável. Serpeiam o caminho numerosos regatos e atravessam-se duas matas de pinheiros. Aldéa Gallega é um grande povoado, banhado pelo Tejo. A maioria da população é de pescadores; e logo que puseram pé em terra, veio uma grande quantidade de barqueiros oferecer os seus serviços aos nossos viajantes e dizer-lhes, que era excelente a maré para irem a Lisboa, que fica apenas a três léguas dali. Como as horas apertavam, alugaram um bote, para conseguirem o menor dispêndio de tempo.

Do outro lado dêste pôrto, onde o Tejo é largo e profundo, avis-

(1) O A. ora fala na primeira, ora na terceira pessoa dos verbos. Entendi res-  
peitar na tradução essas e outras anomalias.



ta-se uma espécie de fortaleza. Uma hora depois de começarem a travessia do rio, que os baloiçava mui desagradavelmente, os viajantes avistaram Lisboa; e o trajecto não levou ao todo mais de duas horas.

Uma vez desembarcados foram hospedar-se em casa de um francês, cuja impertinência bem merece que o apontem como um grandíssimo maroto. No dia seguinte, foram apresentar cumprimentos a Mr. de S.<sup>t</sup> Romain, embaixador de França, e entregar-lhe algumas cartas de amigos seus. Recebeu os visitantes com muita cortesia; e, sem que êles o soubessem, mandou buscar os criados e bagagens que traziam, obrigando-os a hospedarem-se em sua casa, ao que êles não puderam escusar-se.

Nesse mesmo dia, 18 de Maio, que era um domingo, saíram a ver a cidade, residência dos reis de Portugal e capital do seu reino. Está edificada sôbre sete montes e nas margens do Tejo, muito perto do mar. Tem Arcebispo, e as casas são mui bem construídas. O palácio real é um edificio quadrangular, com quatro tôrres ornadas de balcões. Tem duas galerias e dois terraços de balaústres, com vistas aprasíveis, por ser construído à beira do rio. A cidade é de grande trato comercial. Havia então no seu pôrto 25 ou 30 navios de guerra ou mercantes, chegados de diversos países.

Em frente de Lisboa ergue-se um antigo castelo chamado Almada, com uma espécie de aldeia contígua. O Tejo não é tão largo neste sítio como em Aldé-jaléga (sic).

Lisboa é muito populosa, tanto mais que ali concorre gente de todas as nações e, principalmente, quantidade de mouros e berberes, que servem de escravos. Vão buscá-los à Guiné. Vêm-se nas ruas mais liteiras do que seges. São magnificas, assim como as cadeirinhas, que êles próprios conduzem; e, como esta cidade é alta e baixa e muito desigual, o serviço de cavalos e mulas é usado por muita gente. As igrejas são belas e asseadas. Como armas, os portugueses trazem consigo espada e punhal.

Os portugueses ainda são mais ciumentos de suas mulheres do que os espanhóis, e elas saem mais raramente de casa do que as de Madrid, o que originou dizer-se que só três vezes na vida vão à igreja: para se baptizar, casar e enterrar. É sabido que, à menor suspeita, que os maridos tenham da sua conduta, não hesitam em as apunhalar, o que, apa-



rentemente, as obriga a um grande recato, à sombra do qual a sua astúcia lhes fornece meios de enganar os zelosos, e de se vingar do sequestro em que vivem.

À tardinha, fomos ver o convento da Esperança, onde a rainha esteve seis meses encerrada, quando se separou do rei, que está a 300 léguas de Lisboa, na ilha Terceira. D. Pedro, irmão do rei, é quem agora governa, e tomou por mulher esta mesma rainha, filha do defunto príncipe de Nemours, da casa de Saboia. Ela assiste ao conselho e dá audiência com êle. Os reis de Portugal da actual dinastia são da casa ducal de Bragança. O actual rei ainda não quis ir ao paço para ser coroado. Ficou a viver na sua antiga residência. E' uma casa confiscada aos Castelo-Rodrigo com todos os seus bens, a que já me referi na minha viagem a Espanha. O marquês de Castelo-Rodrigo seguiu o partido de Castela, quando rebentou a revolução de Portugal. Pelo tratado de paz, deviam ser-lhe restituídos os bens, mas, até agora, consta-me que ainda se não deram a êsse incómodo.

Êste edificio fica à beira do Tejo, muito perto do paço real, que o príncipe faz sempre vigiar cuidadosamente pela sua guarda de 300 soldados, fardados de cinzento-acastanhado, com vivos de galão verde. O paço, de feitio quadrado, está cheio de lojas de mercadores e não é edificio de grande distinção. Tem no meio uma praça ampla, limpa e areada, com uma fonte no meio; é nela que se correm toiros. As sessões do conselho fazem-se como em Madrid. Êste palácio estava nesta ocasião desmobilado. A capela é formosa e bem architectada. No seu arranjo não houve economia de azuis e oiro.

Os armazéns destinados ao provimento dos navios de guerra ficam ao pé do paço. Teem poucos navios mercantes. Mandam apenas cinco ou seis ao Brasil, servindo-se dos ingleses e holandeses para trazer a Lisboa açúcar e outras mercancias. Neste momento estão construindo ali perto duas grandes salas, onde se reúnirão os comerciantes para facilitar o seu negócio.

A igreja cathedral de Lisboa é sombria, bastante antiga, e construída no tempo dos moiros. A sacristia é deveras bonita. Há ali uma capela profusamente dourada, que também é muito para ver-se.

Vimos outra igreja pequena, onde jaz sepultada a falecida rainha-mãe, que é a sua fundadora. As paredes, até à abóbada, são forradas



de ébano e belas talhas doiradas. Todos os templos de Lisboa são pavimentados de mosaicos brancos e azuis, figurados. Num dêles veem-se pintadas e representadas as cabeças dos que foram condenados e queimados pela Inquisição. Actualmente está vago o cargo de inquisidor-mór.

Esta igreja, onde repousam as cinzas da rainha-mãe, estava rodeada de casas, que mandaram arrazar, por causa de uns espanhóis, que lá se tinham escondido para matar o rei, quando passasse encorporado numa procissão; mas, felizmente para S. Magestade, a traça foi descoberta.

O palácio, onde habitualmente vivem D. Pedro e a rainha, é composto de quatro pequenos pavilhões e dois terraços, onde esta princesa vai à tarde com suas damas passear e espalrecer. Aí está continuamente de guarda o regimento da Armada. O paço real é de mediana grandeza; a escadaria é ampla e bela, e as antecâmaras estão sempre cheias de guardas.

O príncipe e a princesa dão audiência pública tôdas as terças-feiras. Ele é de grande estatura, rosto magro e muito moreno. Usa peruca desde a sua última doença. Raro anda acompanhado, porque os portugueses, como os espanhóis, não se interessam em lhe fazer côrte; dizem, no entanto, que é muito afável e atencioso.

A rainha veste à espanhola, com guardinfante; usa o toucado com os cabelos caídos atrás, entrelaçados e guarnecidos de muitos laços. E' mãe de uma princezinha, que dizem muito galante, cuja aia é a condessa de Añon (Unhão?). O duque de Cadaval, que é o seu mordomomor, costuma acompanhá-la. Só há dois duques em Portugal: êste e o de Aveiro. Todos os condes e marqueses são grandes do reino, e estão cobertos diante do rei. A-pesar-disso, poucos lhe dão Excelência. A-propósito de grandes, esquecia-me dizer, que os duques a que aludi podem sentar-se diante de Suas Magestades. Há uma ordem de cavalaria chamada *Santo Cristo*, cujos privilégios ignoro. A rainha tem um anão indiano, que a segue para toda a parte. E' tão bem proporcionado em todo o seu corpo, que o tomam por uma criança, vendo-o por detrás, porque o seu rosto dá bem a conhecer que o não é, à vista da cerrada barba que lhe enfeita o queixo. Pertenceu à rainha defunta, e passa por ser mui gracioso.

As pessoas de qualidade, que tiveram preeminências no exército, teem uma guarda de honra de sete ou oito soldados do regi



mento da Armada. Este regimento compõe-se de treze companhias. O rei é o seu capitão e Miguel Carlos o tenente. Há um outro regimento chamado de Nuéro (?) de dezassete companhias, com 50 homens cada uma.

Quatro camaristas, que são da câmara real, nunca abandonam o Príncipe. Servem por semanas, e participam nos negócios e nas boas graças do rei, que é, contudo, bastante reservado e não aparece muito, a não ser de manhã, quando passa para ir ter com a rainha. Gosta de montar a cavalo, exercício que faz depois de jantar, no picadeiro do paço. Tem o seu conselho de Estado, da Guerra e da Fazenda.

Lisboa tem um mercado de trigos excelente, com sete portas, que são outras tantas entradas. O pavimento das ruas é péssimo, e só junto do pôrto é mais liso. A grande rua dos Mercadores é muito bela. Come-se aqui optimamente e, em especial as doçarias, são maravilhosas. A 18 de Maio comiam-se morangos, cerejas e damascos já maduros. O que é aborrecido é não haver neve nem gêlo, e por isso as bebidas não são tão frescas como em Espanha.

As conveniências mandam que só os eclesiásticos e os médicos se transportem em mulas, obrigando assim os outros a terem cavalos, para se servirem dêles em caso de necessidade.

A uma légua de Lisboa, à beira do rio, há um convento chamado Belin (Belém), que o falecido rei D. Manuel mandou edificar. Ali estão enterrados os reis de Portugal. Pode ir-se lá de barco. O rio, neste ponto, não tem mais de meia légua de largura e, de espaço a espaço, erguem-se fortins, que defendem a entrada do pôrto. Um pouco para além dêste convento fica a tórre Belin, construída dentro do rio e munida de algumas peças.

A igreja de Belin é bela e rica, com esculturas à antiga e no exterior e grande profusão de cornijas. Para lá da igreja, há um grande edificio, da mesma architectura, ocupado pelos monges. Ao lado do altar-mor, vêem-se quatro túmulos de jaspe e mármore embebidos na espessura da parede, cada um dêles apoiado em dois elefantes e, dentro, os reis e rainhas de Portugal; em frente, as sepulturas de seus filhos, construídas da mesma maneira.

O claustro é formosíssimo, e a abóbada lavrada igualmente à antiga. Tem dentro uma piscina e magníficas laranjeiras. A meio caminho de Lisboa a Belin encontra-se Alcântara, pequena quinta de regalo, que pertence ao rei.



Vê-se ainda em Lisboa uma montanha, como que separada da cidade, no alto da qual assenta um castelo com sua guarnição. E' seu governador o marquês de Cascaie (Cascais).

Depois de visitarmos o que há aqui de curioso, partimos a 26 de Maio, para regressar a Madride . . . . .

*Voyages faits en divers temps en Espagne, en Portugal, en Allemagne, en France et ailleurs. Par Monsieur M\*\*\*\*. A Amsterdam, MDCC. (Trad. do nosso consócio sr. Cardoso Martha).*

*Para*

**Mobilar  
e Decorar  
uma Casa**

*consulte a nossa decorador*

**MODERNAS  
MOBÍLIAS  
E EM ESTILOS  
CLÁSSICOS**

**COMPANHIA  
ALCOBIA**

Rua Ivens, 14 - Rua Capêlo 1 a 9

**FACILIDADES DE PAGAMENTO**

**BANCO LISBOA  
& AÇORES**

Capital e Fundos de Reserva

Esc. 26.000.000\$00

FILIAL NO PORTO E  
AGÊNCIAS E COR-  
RESPONDENTES NO  
PAÍS E NAS PRINCI-  
PAIS CIDADES DO  
ESTRANGEIRO

**Todas as operações de  
Comércio Bancario**



## ACÇÃO CULTURAL DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA» DURANTE O ANO DE 1941

---

### SECÇÃO DE ESTUDOS CULTURAIS E DE PROPAGANDA

— x —

#### VISITAS DE ESTUDO

- 5 de Janeiro — Às instalações do «Diário de Notícias», dirigida pelo Sr. Augusto Pinto.
- 2 e 9 de Março — Ao edifício da Santa Casa da Misericórdia e Igreja de S. Roque, dirigidas pelo Sr. Pedro da Cunha Santos.
- 16 de Março — Ao edifício do Teatro de S. Carlos, dirigida pelo Sr. Mário de Sampayo Ribeiro.
- 30 de Março — Ao Instituto de Oncologia, dirigida pelos Srs. Drs. Francisco Gentil, Mark Athias e Benard Guedes.
- 6 de Abril — À Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Penha de França, às dependências do antigo convento anexo — hoje quartel do Destacamento Mixto da Penha de França — e ao Depósito da Companhia das Águas, dirigida pelo Sr. Dr. Eduardo Augusto da Silva Neves.
- 20 de Abril — À Paroquial Igreja de S. Tiago, ao Quartel da Guarda Nacional Republicana dos Loios e ao claustro do antigo Seminário de Santa Catarina, dirigida pelo Sr. António Ribeiro da Silva e Sousa (Sidónio Miguel).
- 4 de Maio — Ao palácio e jardim de Queluz, dirigida pelo Sr. Dr. Francisco Cândio.
- 18 de Maio — Ao edifício de S. Vicente de Fora, dirigida pelo Sr. Norberto de Araujo.
- 1 de Junho — Ao antigo templo do Menino Deus, dirigida pelo arq. Sr. António do Couto.
- 15 de Junho — À Igreja de Nossa Senhora da Graça e antigo convento anexo, dirigida pelo Sr. Mário de Sampayo Ribeiro.
- 22 de Junho — Ao edifício do Colégio Militar e Igreja de Nossa Senhora da Luz, dirigida pelo Sr. Gustavo de Matos Sequeira, a que se seguiu um almoço caracte-



ristico na Quinta de S. Vicente, em Telheiras, com a colaboração de alguns artistas e no qual o Sr. Albino Forjaz de Sampaio disse algumas palavras sobre os costumes domingueiros de Lisboa.

- 29 de Junho — Ao Palácio Fronteira, dirigida pelo Sr. Dr. José Cassiano Neves.
- 6 de Julho — Ao edifício da Igreja dos Barbadinhos e à cêrca do antigo convento agora ocupada pelas máquinas elevatórias dos depósitos de água do canal do Alviela e laboratórios da Companhia das Águas de Lisboa, dirigida pelo Sr. Dr. Eduardo Augusto da Silva Neves, com a colaboração do Eng. Sr. Ramiro Guedes Campos.
- 12 de Outubro — Ao paquete «Serpa Pinto», dirigida pelo Sr. António Ribeiro da Silva e Sousa (Sidónio Miguel) e pelo Sr. Comandante Júlio da Cruz Ramos.
- 26 de Outubro — Às ruínas e Museu do Carmo, dirigida pelo Sr. Dr. Eduardo Augusto da Silva Neves.
- 9 de Novembro — À Igreja Paroquial de S. Nicolau e Museu Sacro anexo, dirigida pelo Sr. António Ribeiro da Silva e Sousa (Sidónio Miguel).
- 23 de Novembro — Ao edifício dos Paulistas — Igreja Paroquial de Santa Catarina e Biblioteca do Ministério da Guerra —, dirigida pelo Sr. Norberto de Araújo, e
- 21 de Dezembro — Ao palácio de S. Cristóvão, actualmente sede da Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio de Lisboa, dirigida pelo Sr. Álvaro Pestana de Oliveira.

#### CONFERÊNCIAS NA SEDE

- 13 de Fevereiro — *Lisboa em dois palmos em Belém*, pelo Sr. Norberto de Araújo.
- 20 de Fevereiro — *Os petiscos de Lisboa e o Carnaval*, pelo Sr. Eduardo Fernandes (Esculápio).
- 6 de Março — *Lisboa-a-Nova (Toponímia, Edifícios Técnicos e Urbanização)*, pelo Sr. Hugo Raposo.
- 20 de Março — *Lisboa na pré-história*, pelo Sr. Dr. Ludovico de Menezes.
- 27 de Março — *Um caso triste sucedido há um século em Lisboa*, pelo Sr. Eduardo Fernandes (Esculápio).
- 3 de Abril — *Alguns aspectos da Lisboa manuelina*, pelo Sr. Dr. Francisco Câncio.
- 17 de Abril — *S. Roque e os Borjas*, pelo Sr. Álvaro Pereira de Ladeira.
- 24 de Abril — *Aguarelas de Lisboa*, pelo Sr. José Dias Sanches.
- 1 de Maio — *Casas onde nasceram libostas ilustres*, pelo Sr. Dr. Frederico Gavazzo Perry Vidal.
- 15 de Maio — *Lisboa na numismática e na medalhística*, pelo Sr. Dr. Eduardo Augusto da Silva Neves.
- 22 de Maio — *A procissão de Santo António em 1895*, pelo Sr. António Ribeiro da Silva e Sousa (Sidónio Miguel).
- 29 de Maio — *Tipos populares de Lisboa*, pelo Sr. Eduardo Fernandes (Esculápio), e
- 13 de Dezembro — *A Imprensa Periódica — história breve duma grande instituição* pelo Sr. Conselheiro José Fernando de Sousa.



EDIÇÕES DO GRUPO


«A Igreja do Menino Deus», pelo arq. António do Couto.

«O Campo de Santa Clara,» por António Ribeiro da Silva e Sousa (Sidónio Miguel.

«O Diário de Notícias e o século xvix», por Luiz Teixeira.

A Junta Directiva do Grupo «Amigos de Lisboa» deseja  
a todos os seus consócios e Ex.<sup>mas</sup> familias um Novo Ano  
cheio de prosperidades.





# BERLIM

## A ALEMANHA FALA!

### ACTUALIDADES EM LINGUA PORTUGUESA

HORAS		ESTAÇÕES	ONDAS CURTAS
12,45	NOTICIÁRIO .....	DZE 24,73	12.130 kc/s
17,45	NOTICIÁRIO .....	DJD 25,49	11.770 kc/s
19,30	NOTICIÁRIO .....	{ DJQ 19,63	15.280 kc/s
		{ DZE 24,73	12.130 kc/s
20,30	NOTIC. E CONF. ....	DJQ 19,63	15.280 kc/s
20,45	NOTICIÁRIO .....	DJC 49,83	6.020 kc/s
21,30	NOTICIÁRIO	{ DJQ 19,63	15.280 kc/s
	E TEMA DO DIA .....	{ DZE 24,73	12.130 kc/s
		{ DZC 29,16	10.290 kc/s
22,45	NOTICIÁRIO .....	DXM 41,27	7.270 kcs.
23,00	NOTICIÁRIO .....	{ DJQ 19,63	15.280 kc/s
		{ DZE 24,73	12.130 kc/s
		{ DZC 29,16	10.290 kc/s
23,15	CONF. POLÍTICA ...	{ DJQ 19,63	15.280 kc/s
		{ DZE 24,73	12.130 kc/s
		{ DZC 29,16	10.290 kc/s
0,00	CONFERÊNCIA .....	{ DJQ 19,63	15.280 kc/s
		{ DZE 24,73	12.130 kc/s
		{ DZC 29,16	10.290 kc/s
1,15	NOTICIÁRIO .....	{ DJQ 19,63	15.280 kc/s
		{ DZE 24,73	12.130 kc/s
		{ DZC 29,16	10.290 kc/s

A EMISSORA ALEMÃ DE ONDAS CURTAS DE BERLIM oferece aos seus estimados ouvintes portugueses diariamente um programa especial das 20 às 22 horas, e em seguida para o Brasil até às 2 horas, com as músicas portuguesas e alemãs mais apreciadas.



# CASA AFRICANA

Rua Augusta, 161  
TEL. 2 4264-65 P. B. X.  
LISBOA



R. Sá da Bandeira, 166  
TEL. 1361 P. B. B.  
PORTO

SECÇÕES de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes  
Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças  
Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas  
e Soutiens, Decorador, Estofador, Peles confeccionadas e a retalho, Retrozaria, Luvaria, Perfumaria  
e todos os artigos para homens, senhoras e crianças



*Preços fixos e marcados em todos os artigos*

ON PARLE FRANÇAIS ≡ ENGLISH SPOKEN

## Materiais e instalações

Sanitárias — Balneários  
Eléctricas — Luz e Fôrça  
Aquecimento Central

Ventilação — Refrigeração  
Fogões de cozinha  
Ascensores Schindler

Lustres + Candeeiros + Lanternas + Placas + Banheiras + Lavatórios  
Esquentadores + Tubos + Pertences + Válvulas + Torneiras

**Júlio Gomes Ferreira & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>**

(CASA FUNDADA EM 1832)

82, Rua da Vitória, 88 + 166, Rua do Ouro, 170

*Vendas e instalações a pronto e a prestações*